UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
BACHARELADO EM LETRAS – TRADUÇÃO

Luísa Arantes Bahia

Traduzindo culturas? O olhar estrangeiro sobre o *Quarto de Despejo*

Juiz de Fora
2019

Luísa Arantes Bahia

Traduzindo culturas? O olhar estrangeiro sobre o *Quarto de Despejo*

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para graduação no Bacharelado de Letras-Tradução Inglês-Português.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Carolina Alves Magaldi

Juiz de Fora
2019

Luísa Arantes Bahia

Traduzindo culturas? O olhar estrangeiro sobre o *Quarto de Despejo*

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para graduação no Bacharelado de Letras-Tradução Inglês-Português.

Aprovado em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª Dr.ª Carolina Alves Magaldi – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Prof. Dr. Adauto Lúcio Caetano Villela
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Prof.ª Dr.ª Ana Claudia Peters Salgado
Universidade Federal de Juiz de Fora

À minha mãe, Renata, pelo apoio incondicional, dedicação, paciência, incentivo e principalmente pelo carinho. Você é meu maior exemplo de vida.

Ao meu padrinho, Rubens, pelos conselhos, companheirismo e amizade. Meu pai de coração que me incentiva a melhorar sempre.

À minha tia, Flávia, que está sempre disponível para um conselho amigo. Você é muito especial na minha vida.

Ao meu querido afilhado, Thor, por sempre estar presente. Você é luz e traz uma imensa alegria para a minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus e A Espiritualidade que guiaram meu caminho.

Aos meus avós, Carlos Rubens e Lecy (*in memorian*), que me ensinaram valores importantes para toda a vida.

À minha família, que sempre acreditou no meu potencial e contribuiu para essa conquista. Amo vocês mais que tudo.

À minha avó, Maria, que sempre vibra com minhas vitórias.

À minha orientadora, Prof.ª Dr.ª Carolina Alves Magaldi, por entrar nessa empreitada comigo. Obrigada pelos incentivos e críticas construtivas, você foi essencial para que eu pudesse construir esse trabalho.

Aos professores do Bacharelado em Letras - Inglês da UFJF Adauto Lúcio Caetano Villela, Carolina Alves Magaldi, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda e Sandra Aparecida Faria de Almeida, que nos trouxeram ensinamentos essenciais para nos tornarmos pessoas e profissionais qualificados.

Aos professores do curso de Letras ABI, por ajudarem-nos no início dessa grande caminhada.

Aos meus amigos Danielle, Felipe, Igor, João Filipe e Pedro por todos os momentos de alegria e pelo apoio de muitos anos.

Aos meus amigos da Letras, Alice, Fernanda, Ilson e Thales, que tornaram as aulas menos cansativas, os trabalhos mais leves e a vida universitária mais alegre. À única que fez o percurso do bacharelado desde o início comigo, Larissa, obrigada pela amizade. Não teria conseguido chegar até aqui sem você.

Aos colegas de sala do Bacharelado, pela amizade e por termos construído uma sala unida e cheia de companheirismo.

Ao Prof. Dr. Edimilson de Almeida Pereira, da faculdade de Letras, que me apresentou a essa obra maravilhosa que é *Quarto de Despejo*.

Ao Tom Farias, autor da biografia da Carolina de Jesus, obrigada por disponibilizar um tempo para conversarmos e por nos proporcionar um trabalho tão rico sobre essa autora marcante.

Aos meus professores do Colégio Imaculada Conceição, que me ensinaram muito e me apoiaram a seguir meus sonhos. Em especial ao Prof. Arnaldo Spindola, que me fez amar ainda mais a área de Letras. À “tia” Cecília, que me fez ter um carinho ainda maior pela língua inglesa, você foi uma peça essencial para que eu escolhesse essa área e muito obrigada por isso.

“Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade.”

Carolina Maria de Jesus

RESUMO

Este trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Letras – Tradução: Inglês, da Universidade Federal de Juiz de Fora, tem como objetivo analisar as escolhas tradutórias presentes na versão para o inglês da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, da autora Carolina Maria de Jesus. Para tratar da questão da literatura brasileira traduzida para o inglês, utilizaremos o artigo da autora Márcia Martins (2008), com relação à patronagem. Além disso, como aporte teórico, usaremos as teorias de Schleiermacher (2007[1813]) e Venuti (2005[1998]) acerca da domesticação e estrangeirização, além de autores como Hanne Martinet (1982) e Theo Hermans (1988) para analisar questões referentes aos nomes próprios. Quanto aos marcadores culturais, nos basearemos, principalmente, nas teorias de Hoebel & Frost (2006). Ao considerar-se a variedade linguística utilizada na obra original, é possível observar que se trata de uma linguagem específica com marcas regionais e coloquiais. Vale destacar que o uso de coloquialismos e expressões da periferia de São Paulo são características marcantes do estilo do romance, o que gerou polêmica no universo literário brasileiro diante do sucesso do livro no âmbito comercial e de crítica. Assim, propõe-se contrastar as escolhas tradutórias de nomes próprios, pronomes de tratamento e elementos da cultura brasileira. Busca-se, desse modo, problematizar a forma como essa obra brasileira foi apresentada ao contexto norte-americano. A fim de cumprir os objetivos propostos, este trabalho baseia-se na metodologia qualitativa, através da análise de conteúdo (CARLOMAGNO, M.; ROCHA, L. C., 2016). Foram estabelecidas, assim, quatro grandes categorias – (i) Contexto da obra; (ii) Nomes próprios e pronomes de tratamento; (iii) Aspectos de domesticação e imagem do país e (iv) Erros e manipulações detrimentais – acompanhadas de uma seleção de trechos da obra original e sua comparação com a obra, *Child of the Dark*, em inglês. Verifica-se que as características analisadas na linguagem presente no original, de modo geral, não foram mantidas na tradução. Essas escolhas fazem com que muitos aspectos da cultura brasileira se percam, o que contribui para a criação de um estereótipo da nossa sociedade.

Palavras-chave: *Quarto de despejo*; *Child of the dark*; Tradução literária; Literatura brasileira.

ABSTRACT

This paper is the result of a research carried out within the Bachelor's Degree Course in English Translation from and into Portuguese of the Federal University of Juiz de Fora and aims to analyze how translation choices are present in the English version of the book *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, by Carolina Maria de Jesus. Regarding Brazilian literature translated into English basis will be provided by the article by Márcia Martins (2008) regarding patronage. In addition, as a theoretical basis, we applied the theories of Schleiermacher (2007 [1813]) and Venuti (2005 [1998]) about domestication and foreignization, and authors such as Hanne Martinet (1982) and Theo Hermans (1988) to analyze proper noun issues. Regarding cultural markers, we base ourselves mainly on the theories of Hoebel & Frost (2006). When considering the linguistic variety used in the original work it is possible to notice that it is a specific language with regional and colloquial marks. It is noteworthy that the use of colloquialisms and expressions from the outskirts of São Paulo are striking features of the novel's style, having generated controversy in the Brazilian literary universe, given the book's success in the commercial and critical spheres. Thus, it is proposed to contrast the translational choices of proper names, treatment pronouns and elements of Brazilian culture. In this way, we seek to show how this Brazilian work was presented to the North American context. In order to fulfill the proposed objectives, this work is based on the qualitative methodology, through content analysis (CARLOMAGNO, M.; ROCHA, L. C., 2016). Thus, four major categories were established – (i) Context of the novel, (ii) Proper names and treatment pronouns; (iii) Domestication aspects and country image; (iv) Misconceptions and detrimental manipulations – follow by a selection of excerpts from the original work and their comparison with the English book *Child of the Dark*. We have verified that the characteristics analyzed in the language of the original, in general, were not maintained in the translation. These choices caused the loss of many aspects of the Brazilian culture, what contributes to create a stereotype of our society.

Keywords: *Quarto de despejo*; *Child of the dark*; Literary translation; Brazilian literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Lista dos livros mais vendidos da Folha de S.Paulo. 21

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Nº de bolsas oferecidas por ano pela biblioteca nacional..... 35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Lista de Traduções de *Quarto de despejo* 28
Quadro 2: Exemplo de oralidade na obra *Quarto de Despejo* e sua tradução para a língua inglesa 46
Quadro 3: Exemplo de oralidade no nível sintático na obra *Quarto de Despejo* e sua tradução para a língua inglesa 47
Quadro 4: Exemplo de oralidade na obra *Quarto de Despejo* e construções mais complexas na sua tradução para a língua inglesa 47
Quadro 5: Exemplo de grafia não padronizada na obra *Quarto de Despejo* e sua tradução para a língua inglesa 48
Quadro 6: Exemplos de reescrita do vocabulário coloquial na tradução para a língua inglesa 48
Quadro 7: Pronomes de tratamento na obra *Quarto de Despejo* e sua tradução para a língua inglesa 50
Quadro 8: Erro com relação aos nomes próprios 51
Quadro 9: Nomes Próprios mantidos na tradução 52
Quadro 10: Nomes próprios presentes na obra *Quarto de Despejo* e suas traduções para o inglês 52
Quadro 11: Nomes próprios presentes na obra *Quarto de Despejo* com adaptações de grafia na tradução para o inglês 53
Quadro 12: Toponímias presentes na obra *Quarto de Despejo* e seus correspondentes no inglês 54
Quadro 13: Nota de rodapé sobre nordestinos 55
Quadro 14: Diferença entre nortista e nordestino 56
Quadro 15: Nota de rodapé sobre Baianos e Paraibanos 56
Quadro 16: Mudança de baianos para bahians 56
Quadro 17: Objetos de consumo brasileiros explicitados na nota de rodapé 57
Quadro 18: Explicação sobre o feijão preto 58
Quadro 19: Explicação do tradutor sobre lavar o feijão e o arroz 58
Quadro 20: Falta de padronização 59
Quadro 21: Buscas de equivalência por processos de domesticação 59
Quadro 22: Pessoas públicas citadas no livro *Quarto de Despejo* 60
Quadro 23: Nota sobre a ida de Carolina Maria de Jesus ao Palácio 61

Quadro 24: Nota sobre a gíria tubarão 62
Quadro 25: Escolhas lexicais antiquadas por parte do tradutor 62
Quadro 26: Uso de termos contemporâneos na tradução 63
Quadro 27: Omissão cultural presente na tradução 63
Quadro 28: Uso de “nigger” na tradução 64
Quadro 29: Tradução literal 64
Quadro 30: Acréscimo de palavras na tradução 65
Quadro 31: Falta de padronização 65
Quadro 32: Aumento do grau de agressividade na tradução 66
Quadro 33: Tradução de “ordinária” para “common” 67
Quadro 34: Erros com relação à interpretação do texto-fonte 68
Quadro 35: Erros sem explicação na tradução 69
Quadro 36: Sexualização presente na tradução 70
Quadro 37: Tradução de expressões idiomáticas 70
Quadro 38: Estrangeirização sem motivo aparente 70
Quadro 39: Acréscimos sem motivação aparente 71
Quadro 40: Referências a outras culturas 72
Quadro 41: Erros 72
Quadro 42: Omissão e sexualidade 73
Quadro 43: Omissões 74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14
1) CAROLINA MARIA DE JESUS E O *QUARTO DE DESPEJO* 16
1.1) CAROLINA MARIA DE JESUS – VIDA E OBRA 16
1.2) O QUARTO DE DESPEJO 20
1.3) QUARTO DE DESPEJO TRADUZIDO 25
2) DOMESTICANDO OU ESTRANGEIRIZANDO A LITERATURA BRASILEIRA . 32
2.1) METODOLOGIA 32
2.2) LITERATURA BRASILEIRA TRADUZIDA PARA O INGLÊS 34
2.3) DOMESTICAÇÃO E ESTRANGEIRIZAÇÃO 37
2.4) NOMES PRÓPRIOS EM TRADUÇÃO 40
2.5) MARCADORES CULTURAIS 42
3) ANÁLISE 45
3.1) CONTEXTO DA OBRA 45
3.2) NOMES PRÓPRIOS E PRONOMES DE TRATAMENTO 49
3.3) ASPECTOS DE DOMESTICAÇÃO E IMAGEM DO PAÍS 55
3.3.1) Notas de rodapé 55
3.3.2) Cultura negra 62
3.4) ERROS E MANIPULAÇÕES DETRIMENTAIS 66
CONSIDERAÇÕES FINAIS 76
REFERÊNCIAS 78

INTRODUÇÃO

Quarto de Despejo: diário de uma favelada é a obra de mais destaque da escritora Carolina Maria de Jesus. Publicado em 1960, o livro continha uma compilação dos diários da escritora na época em que vivia na favela do Canindé-SP. A obra teve grande sucesso e sua publicação provocou uma divisão de opiniões no público, tal como apontou, Tom Farias (2017), seu biógrafo. Muitas críticas foram feitas por ela ser negra e favelada e não necessariamente baseadas na temática da obra. Apenas um ano após sua publicação, o livro já começou a ser traduzido e, atualmente, já foi versado para 13 línguas em 40 países.

Em inglês, a obra foi traduzida por Gayle Lee St. Clair (1932-1991). Conhecido como David St. Clair, nasceu em Ohio, Estados Unidos. Era autor, conferencista, jornalista, romancista e místico. Morou por um tempo no Rio de Janeiro e seu círculo de amigos e colegas era grande e variado, incluindo pessoas como o presidente João Goulart, sua esposa Maria Teresa e o cantor e compositor Antônio Carlos Jobim.

No cenário brasileiro, o livro já foi amplamente estudado no viés da língua portuguesa, mas pouco trabalhado na questão da tradução para língua inglesa. Por isso, se faz relevante um contraste entre *Quarto de Despejo* e *Child of the Dark: the Diary of Carolina Maria de Jesus*, traduzido por David St. Clair, em 1962.

Quarto de Despejo apresenta grande material cultural sobre nosso país, principalmente sobre a vida na favela. Nesse sentido, este trabalho busca trazer contribuições para os Estudos da Tradução ao mostrar como a tradução pode ter um papel central na formação da identidade cultural de um país. Através deste trabalho, buscamos, também, apontar a importância da formação acadêmica do tradutor e a elaboração de um projeto de tradução.

Ao considerar o uso de linguagem coloquial, com a presença de marcadores culturais, é possível observar que tal uso da linguagem não apresentaria um grau de dificuldade tradutória, visto que se configura como uma marca da identidade da obra.

Nesse sentido, buscou-se observar de que forma essa obra brasileira foi apresentada ao contexto norte-americano e quais foram as escolhas feitas por St. Clair. Para isso, utilizamos como aporte teórico, no que tange a literatura brasileira

traduzida para o inglês, o artigo da autora Márcia Martins (2008) com relação à patronagem; as teorias de Schleiermacher (2007[1813]) e Venuti (2005[1998]) acerca da domesticação e estrangeirização; além de autores como Hanne Martinet (1982) e Theo Hermans (1988) para analisar questões referentes aos nomes próprios. Com relação aos marcadores culturais, nos baseamos, principalmente, nas teorias de Hoebel & Frost (2006).

A fim de cumprir os objetos propostos, no primeiro capítulo, apresentamos a história da autora, Carolina Maria de Jesus, já que os dados biográficos encontrados sobre ela em fontes *online* são conflitantes; caracterizamos a obra e como ela foi recebida pelo público de sua época; abordamos aspectos das traduções encontradas; e tratamos da obra traduzida para o inglês, *Child of the Dark,* e, David St. Clair, seu tradutor.

No segundo capítulo, desenvolvemos o aporte teórico baseado em uma metodologia qualitativa por meio da análise de conteúdo. Para a análise da literatura brasileira traduzida para o inglês, utilizamos o artigo da autora Márcia Martins (2008), com relação à patronagem, as teorias de Schleiermacher (2007[1813]) e Venuti (2005[1998]) acerca da domesticação e estrangeirização, além de autores como Hanne Martinet (1982) e Theo Hermans (1988) para analisar questões referentes aos nomes próprios. Com relação aos marcadores culturais nos baseamos nas teorias de Hoebel & Frost (2006), Aubert (2006a) e Bosi (1992).

No terceiro capítulo, realizamos a análise de trechos da obra original e de suas respectivas traduções seguindo a proposta deste trabalho. Para tal análise, organizamos os excertos em quatro categorias: (i) Contexto da obra; (ii) Nomes próprios e pronomes de tratamento; (iii) Aspectos de domesticação e imagem do país; (iv) Erros e manipulações detrimentais. Em seguida, apresentaremos as considerações finais.

1) CAROLINA MARIA DE JESUS E O *QUARTO DE DESPEJO*

No presente capítulo, apresentaremos uma breve discussão a respeito da vida e da trajetória da autora Carolina Maria de Jesus. Em seguida, abordaremos o romance *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, enfatizando os temas presentes, as críticas e o percurso da obra. Por fim, discutiremos as traduções, com enfoque na tradução para a língua inglesa, realizada por David St. Clair, *Child of the Dark: the diary of Carolina Maria de Jesus*.

1.1) Carolina Maria de Jesus – vida e obra[1]

Carolina Maria de Jesus (1914-1977), também conhecida como Bitita, nasceu em Sacramento (MG). Filha da doméstica Maria Carolina de Jesus e João Cândido Veloso, quem ela nunca chegou a conhecer. Morava com mais um meio irmão, Jerônimo, e teve três filhos: João José, José Carlos e Vera Eunice. Seu avô era originário da província de Cabinda, em Angola, e veio para o Brasil na época do tráfico de escravos.

Teve apenas dois anos de estudo formal, por intermédio da patroa de sua mãe, realizados na primeira escola espírita do Brasil, o Colégio Allan Kardec. O autor de sua biografia, Tom Farias, relata que no início ela não gostava de estudar, sofria muito *bullying* e tinha dificuldade para aprender a ler. Com o tempo, e com a ajuda de sua professora, foi alfabetizada e começou a tomar gosto pela leitura. Por não ter nenhum livro em casa, já que sua família não sabia ler, começou a pedir emprestado para os vizinhos. Sua primeira leitura foi *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães.

Em 1923, a mãe de Carolina conheceu um senhor que a convidou para morar com ele e ambos passaram a trabalhar como colonos em uma fazenda de Uberaba. Por isso, Carolina teve que sair da escola e se mudar. Com o tempo, ela começou a gostar do lugar e de cuidar da terra, mas, tempos depois, o fazendeiro se arrependeu e expulsou todos de lá. Sendo assim, Carolina e sua família voltaram

[1] Utilizamos como fonte de pesquisa a biografia *Carolina uma biografia* de Tom Farias, publicada em 2017, e a autobiografia de Carolina Maria de Jesus *Diário de Bitita (*3ª ed. 2017), publicada postumamente em 1982 na França. Ressaltamos que há grandes desencontros de informações biográficas e bibliográficas nos sites que narram sua história. Por exemplo, no site ebiografia <https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/> Acesso 20 set. 2019 consta que ela teve sete irmãos, sendo que ela teve apenas um meio irmão. A causa do desencontro é, provavelmente, o fato de que sua mãe, que chamava Maria Carolina, teve sete irmãos.

para Sacramento. Nos anos que se seguiram, trabalharam em várias áreas, desde serviços domésticos, de colheita e plantação, até como lavadeiras, tudo para conseguirem sobreviver.

Carolina passou por várias cidades tanto para buscar tratamento para as feridas que tinha na perna, quanto para procurar emprego. Esteve novamente em Uberaba, Ribeirão Preto, Jardinópolis, Sales de Oliveira e Orlândia.

Mais tarde, resolveu voltar para Sacramento. Carolina nunca deixou de ler e, por isso, era alvo de implicância das pessoas da cidade. O autor Tom Farias relata que, certa vez, quando estava sentada na porta de casa, um menino pediu para ver qual livro ela estava lendo. Era o "Dicionário Prosódico do Brazil e Portugal", mas como não sabia ler e o livro era grosso e pesado, o menino espalhou pela cidade que ela estava lendo o livro de "São Cipriano" (conhecido por feitiçaria). Carolina foi acusada e presa junto com sua mãe que tentou defendê-la das acusações inventadas de feitiçaria e de maldizer a polícia. As duas tiveram que trabalhar na cadeia e foram submetidas a condições desumanas, ficaram sem comer por aproximadamente quatro dias e sofreram abusos físicos que resultaram em uma fratura no braço de sua mãe.

Depois de alguns dias, elas conseguiram que um primo pagasse a fiança e, portanto, mãe e filha decidiram deixar Sacramento. Foram para a cidade de Franca, onde moraram de favor em um circo, já que apenas a mãe de Carolina conseguiu um emprego e o dinheiro era pouco. Carolina nunca parava em um emprego, pois, segundo ela, ficava escrevendo e esquecia da vida, deixava o feijão queimar e as patroas não tinham paciência com ela.

Devido à falta de dinheiro e emprego, a mãe de Carolina decidiu voltar para Sacramento. Já Carolina, conseguiu um emprego para trabalhar na casa de um casal em São Paulo e foi com eles. Apesar de sonhar muito com a cidade, ao chegar lá, ela não estava preparada para viver em uma cidade grande, onde não conhecia ninguém. Não demorou para ela decepcionar-se e, por volta de 1940, decidiu ir para o Rio de Janeiro. Ela residiu lá por cerca de 2 anos, trabalhando em casas de famílias e sempre indo a editoras e rádios para tentar alguma publicação. Conseguiu uma no jornal *Folha da Manhã,* no qual conheceu o jornalista Willy Aureli (1898-1968), que tirou uma foto de Carolina e publicou uma entrevista chamando-a de "caso exótico". Conseguiu, também, publicar alguns poemas no jornal *A Noite*.

Em 1942, ela voltou para São Paulo e continuou indo a várias editoras até conseguir publicar seus versos no jornal "O Defensor", do qual virou colaboradora. Nesse período, sua escrita era voltada para política, exaltando figuras como Getúlio Vargas, que, na época, tentava a reeleição. Entretanto, ela não ficou muito tempo no emprego, pois engravidou de João José, seu primeiro filho. Carolina teve muita dificuldade de conseguir um emprego, muitas vezes dormia na rua ou embaixo de viadutos. Por esse motivo, ao engravidar novamente, de um americano, a criança nasceu morta.

Nos anos que se seguiram, Carolina dormia nos empregos, quando tinha, ou em quartos de aluguel nos cortiços, que estavam se tornando muito comuns devido à especulação imobiliária. Porém, quando descobertos, os donos do terreno pediam às autoridades para retomarem os imóveis. Devido a esse fato, as pessoas que moravam nessas habitações, juntamente a Carolina, procuraram o político Dr. Adhemar de Barros (1901-1969), conhecido por ajudar os menos favorecidos. Depois de Barros falar com o prefeito, ele conseguiu o terreno às margens do rio Tietê, no bairro do Canindé, para essas pessoas morarem.

Nessa época, Carolina estava grávida de José Carlos, então aceitou o pequeno pedaço de terra. Mesmo grávida, ela teve que construir seu barraco sozinha. Contou com o apoio de uma igreja, onde pegava restos de tábuas para a construção. Ao chegar do trabalho, ela ia à igreja de bonde e voltava a pé, andando por 10 quilômetros e levando as tábuas na cabeça.

Nesse novo cenário, Carolina trabalhava como catadora de papel, ferro e outros materiais para que, com o dinheiro, pudesse sustentar a si mesma e a seus filhos. Mãe solteira, provedora da família e escritora nas poucas horas vagas, ela ainda contava que todos os dias precisava buscar água em um poço, já que, na favela, não havia água encanada. Nos jornais em que conseguiu publicar, ficou conhecida pelo título de "Poetisa Negra" ou "Poetisa Preta". Trabalhou também por um tempo cantando em um circo da região.

Em 1958, o repórter do jornal *Folha da Noite*, Audálio Dantas, foi designado para fazer uma reportagem sobre um parquinho que havia sido instalado para as crianças da favela do Canindé. Por acaso, ele encontrou-se com Carolina, que mostrou-o seus diários e poemas. Com a ajuda de Dantas, em 1959, a revista *O Cruzeiro* publicou uma matéria sobre Carolina e alguns trechos do diário,

começando assim, a fazer uma projeção da autora que culminaria com o lançamento de seu livro.

No ano seguinte, Carolina recebeu de volta um de seus livros, *Cliris*, enviado para a editora *The Reader's Digest* nos Estados Unidos na esperança de ser publicado, mas não teve sorte.

Em 1960, seus diários se transformaram no livro *Quarto de Despejo: diário de uma Favelada* e, quatro meses depois da publicação, Carolina e seus três filhos conseguiram sair da favela do Canindé. Sua saída foi muito difícil, pois os moradores gritavam, jogavam pedras e a ofendiam dizendo que ela "tinha ficado rica escrevendo sobre a favela, mas se recusou a compartilhar o dinheiro com eles".[2]

Carolina mudou-se para uma casa que conseguiu comprar no bairro de Santana e mantinha um novo diário com registros do que acontecia por ali, que, depois de editados, transformaram-se no seu segundo livro *Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada* (1961), que teve uma triagem inicial de 30 mil exemplares.

A autora conta que não tinha sossego na nova casa, pois sempre havia pedintes em sua porta, cada um com uma história diferente. Audálio Dantas pedia sempre cautela e controle por parte de Carolina, para que ela não gastasse dinheiro demais.

Dada a dificuldade enfrentada em Santana, Carolina decidiu se mudar para um sítio em Palheiros, localizado a 40 quilômetros de São Paulo. Nessa época, Carolina já começava a ser esquecida pela imprensa e já passava por problemas financeiros. Não muito depois, Carolina voltou para a vida de catadora, além de criar animais no sítio para seu sustendo e dos filhos.

Em 1977, Carolina faleceu vítima de uma crise violenta de bronquite asmática e insuficiência respiratória crônica. Seu enterro foi simples e, com exceção de Audálio Dantas, nenhuma figura pública compareceu.

Hoje, Carolina de Jesus é considerada uma das primeiras escritoras negras do Brasil e uma das mais importantes do país. No catálogo Capes, por exemplo,

---

[2] LEVINE, R. M. The Cautionary Tale of Carolina Maria de Jesus. *Latin American Research Review*, Miami, v. 29, n. 1, p. 55-83, 1994.

existem 61 trabalhos sobre o *Quarto de Despejo* e 87 sobre Carolina Maria de Jesus.[3]

1.2) O Quarto de Despejo

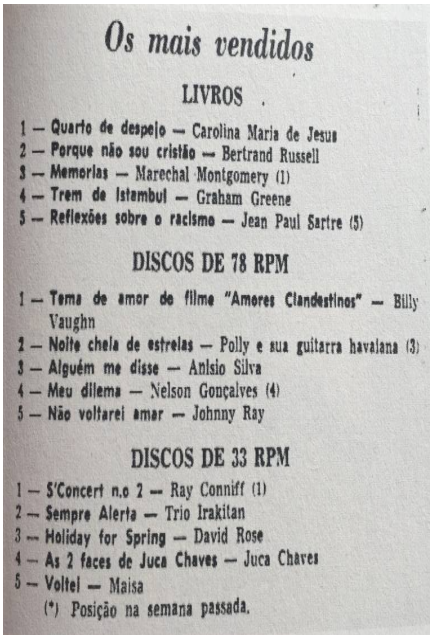
Em 1958, Audálio Dantas já tinha acesso aos 35 cadernos de Carolina de Jesus e começou o processo de transcrever as partes para transformá-las no livro *Quarto de despejo*. Ele encontrou muita relutância por parte das editoras para a publicação, até que conseguiu um acordo com um editor da Livraria Francisco Alves.

Na semana em que Carolina assinou o contrato com a livraria, ela recebeu convites para entrevistas na TV, jornais e revistas da cidade, inclusive participou do programa "Record em notícias" da emissora homônima. Recebia diariamente visitas de pessoas querendo falar de seu livro, uma delas inclusive comentando que leu um artigo sobre ela em alemão. Nesse período, Carolina contou que, com o adiantamento que recebeu pelo livro, ela e os filhos não precisavam mais se preocupar com comida, puderam comprar roupas, alimentos e principalmente carne.

Então, em 1960, o livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* foi publicado com uma tiragem inicial de dez mil exemplares, 600 deles vendidos durante a primeira noite de autógrafos.

Em 21 de agosto, o jornal *Folha de S.Paulo* publicou o ranking dos mais vendidos na última semana e *Quarto de Despejo* se encontrava no topo da lista.

[3] Fonte: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/> Acesso em 04 mar. 2020.



Os mais vendidos

LIVROS

1 — Quarto de despejo — Carolina Maria de Jesus
2 — Porque não sou cristão — Bertrand Russell
3 — Memorias — Marechal Montgomery (1)
4 — Trem de Istambul — Graham Greene
5 — Reflexões sobre o racismo — Jean Paul Sartre (5)

DISCOS DE 78 RPM

1 — Tema de amor de filme "Amores Clandestinos" — Billy Vaughn
2 — Noite cheia de estrelas — Polly e sua guitarra havaiana (3)
3 — Alguém me disse — Anisio Silva
4 — Meu dilema — Nelson Gonçalves (4)
5 — Não voltarei amar — Johnny Ray

DISCOS DE 33 RPM

1 — S'Concert n.o 2 — Ray Conniff (1)
2 — Sempre Alerta — Trio Irakitan
3 — Holiday for Spring — David Rose
4 — As 2 faces de Juca Chaves — Juca Chaves
5 — Voltei — Maisa
(*) Posição na semana passada.

Figura 1: Lista dos livros mais vendidos da Folha de S.Paulo.
Fonte: Folha de S.Paulo, 21 de agosto de 1960 *apud* Farias 2017, p.225.

A livraria tentava atender aos pedidos que vinham de todo o país. De acordo com o *Jornal do Brasil*, publicado em 28 de setembro, o livro já entrava em sua terceira edição, com 50 mil exemplares, chegando a ser comparado com *Lolita*, obra de Vladimir Nabokov, que vendeu 80 mil exemplares em um mês nos Estados Unidos.

A publicação do livro provocou uma divisão de opiniões no público, tal como apontou, Tom Farias (2016) seu biógrafo. Muitas críticas foram dirigidas a ela por ser negra e favelada e não necessariamente baseadas na obra. Por exemplo, o comentário escrito por Casmurro Assis (pseudônimo) em *A Voz de São Paulo*[4]:

> O perigo é que Carolina Maria de Jesus queira se tornar uma escritora. Que aconteça com ela o que está acontecendo com esses negros que Marcel Camus recolheu nos morros e colocou no "Orfeu do carnaval" e que andam por aí agora com banca de artista.

Cenário semelhante é pintado por um redator que também não se identificou na seção "livros novos" do jornal *Tribuna*[5], no qual é possível observar o preconceito linguístico da comentarista, que não consegue perceber a relevância dos temas abordados por Carolina:

[4] A voz de São Paulo, 20 ago. 1960 apud FARIAS, 2017, p.230-231
[5] A Tribuna, 18 nov. 1960 apud FARIAS, 2017, p.232-233

> Com o título acima [Quarto de Despejo], divulga-se um livro de anotações diárias, escritas em português errado, de autoria da sra. Carolina Maria de Jesus, moradora num daqueles 'mocambos' ou 'malocas' da ribanceira do Canindé, em São Paulo. […] O texto sem gramática, de forma desordenada, somente se ocupa de coisas imediatas — comida, trabalho, mexericos, brigas, etc — pintando em cores cruéis e autênticas uma situação aflitiva de criaturas marcadas pelo infortúnio, abandonadas pelos poderes públicos e religiosos do país.

Sebastião Pagano, em *Correio Paulistano*[6], também não se atentou para a importância dos temas da obra tanto como relato da vida vivida por muitas pessoas naquela época, quanto como obra literária:

> É vergonhoso que, numa cidade que se supõe culta, como é São Paulo, isso aconteça em primeiro lugar, porque, quem escreveu livro apenas visou uma vingança contra a sociedade; segundo, porque o livro não vale mesmo nada, nem mesmo como pesquisa social e, nada literalmente falando.

Já Rutília da Gloria Santos, em *Folha de S.Paulo*[7], ao tecer o seguinte comentário, trata Carolina como uma pessoa "sem cultura", considerando o livro dela como "sem valor":

> O "best-seller" de sra. Maria de Jesus não apresenta nenhuma novidade. É fraco, menos que infantil, monótono e desprovido mesmo de qualquer sentido de observação profunda, que ele empresta as características de um trabalho eminentemente documental. Vale, quando muito, como um "teste" que vem pôr de calva à mostra a fraqueza cultural do povo em geral.

Em 1993, por ocasião do lançamento da edição de bolso da obra, o crítico literário Wilson Martins, além de criticar o livro, colocou em questão a autenticidade da obra, atribuindo a autoria a Audálio Dantas.

Já dentre os comentários positivos, temos Helena Silveira, na *Folha de S.Paulo*, que criticou o fato dos escritores "boicotarem" Carolina, dizendo que há um "preconceito de que por ser favelada não pode ser escritora"[8].

Outra menção relevante foi de Manuel Bandeira, no *Jornal do Brasil*, quando afirmou que Carolina tinha "bastante talento literário para não fazer literatura, para

---

[6] Correio Paulistano, 21 set. 1960 apud FARIAS, 2017, p.233
[7] Folha de S. Paulo 22 set. 1960 apud FARIAS, 2017, p.234-235
[8] *Carolina, sabiá cego?*, Helena Silveira. Folha de S.Paulo, 27 de agosto de 1960, p. 2.

dizer as coisas pão-pão, queijo-queijo, para não ser senão a copista da humilde verdade."[9].

Carolina recebeu o título de cidadã paulistana e, também, uma homenagem em forma de samba-canção gravado por Ruth Amaral:

Quarto de Despejo
Nas folhas brancas que do lixo recolhia
Ela escrevia o drama de sua gente
Sua própria história de tristeza
E a pobreza de todo aquele ambiente
Deus satisfaz o seu desejo
Do teu "Quarto de despejo"
Viu seu dia de ventura
Hoje todo mundo fala nela
Não mora mais na favela
Mora na literatura
(B. LOBO, Quarto de despejo, gravado por Ruth Amaral)

Em 1961, *Quarto de Despejo* foi adaptado para o teatro. Além de ajudar com a composição do figurino, Carolina levou a atriz Ruth de Souza, que interpretou a autora, à favela para que ela conhecesse o dia a dia das pessoas. No mesmo ano, Carolina publicou *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*, porém o livro não fez muito sucesso. Ainda em 1961, ela lançou o disco *Quarto de Despejo*, arranjado musicalmente pelo conjunto *Titulares do Ritmo*, que apresentou onze faixas das melhores canções compostas por ela.[10] O disco também não fez muito sucesso e recebeu críticas pesadas.

No final do ano de 1976, Carolina recebeu a proposta de produtores americanos que queriam fazer um filme sobre *Quarto de Despejo*, mas ela morreu antes que qualquer negociação pudesse ser completada.

Em 1983, a Rede Globo de Televisão produziu um especial chamado *Quarto de Despejo – de catadora de papeis a escritora famosa* e, em 2003, foi produzido no Brasil, um documentário sobre Carolina. Em 1971, foi produzido um documentário alemão sobre a autora, dirigido por Christa Gottmann-Elter, foi restaurado posteriormente pelo Instituto Moreira Salles e, sob o título *Favela: a vida na pobreza*

---

[9] *A humilde verdade*, Manuel Bandeira. Jornal do Brasil, 27 de novembro de 1960, p. 3.
[10] Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=t3dzlAr4euo> Acesso em 24 de abril de 2019.

(*Favela - Das Leben in Armut*), foi exibido pela primeira vez no Brasil, por ocasião do centenário de nascimento da escritora, em 14 de março de 2014.[11]

Já em 2017, o governo de Minas entregou o prêmio para os contemplados do edital de propostas de projetos audiovisuais do Programa de Desenvolvimento do Audiovisual Mineiro (Prodam). Com o resultado da premiação, a "Filmes de Plástico", de Contagem (MG) tornou-se a produtora audiovisual responsável pelo longa-metragem intitulado *Casa de Alvenaria*, selecionado em primeiro lugar dentre os 83 da categoria longa-ficção[12].

Tal como mencionado anteriormente, o livro reproduz o diário de Carolina de Jesus, narrando o seu dia a dia na favela de São Paulo. Em seu relato, ela descreveu a dor, o sofrimento, a fome e as angústias dos favelados por meio de uma linguagem simples, objetiva e muito marcada pela oralidade.

A autora começou seu diário no dia 15 de julho de 1955, dia do aniversário de sua filha, Vera Eunice, que queria sapatos de presente, mas não tinha dinheiro para comprar. Carolina trata de temas como a fome, pobreza, violência, o descaso do governo com a população, preconceito e o dia a dia da vida na favela.

Nas palavras da autora, por exemplo, a questão de gênero é abordada da seguinte forma:

> Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil, porque eu lia a história do Brasil e ficava sabendo que existia guerra, só lia os nomes masculinos como defensores da pátria então eu dizia para minha mãe:
> – Porque a senhora não faz eu virar homem?
> Ela dizia:
> – Se você passar por debaixo do arco íris você vira homem.
> Quando o arco íris surgia eu ia correndo na sua direção mas o arco íris estava sempre distanciando. Igual os políticos distante de povo. Eu cançava e sentava, depois começa a chorar. Mas o povo não deve cançar, não deve chorar, deve lutar para melhorar o Brasil para nosso filhos não sofrer o que estamos sofrendo. Eu voltava e dizia para minha mãe:
> – O arco íris foge de mim (JESUS, 1976, p. 52-53).

[11] Disponível em <https://blogdoims.com.br/carolina-maria-de-jesus-e-a-favela/> Acesso em 01 de maio de 2019.

[12] Fonte <https://www.topuai.com/sacramento/variedades/longa-metragem-sobre-carolina-maria-de-jesus-fica-em-1o-lugar?fbclid=IwAR1bhOl_x9jtHdl-Duu4O80C7JSuDLbFbgqZSbkQtHjvi6o9NScRtR1BYIw> Acesso em 24 set. 2019.

A temática da etnia é tratada a partir de pressupostos históricos e da divisão entre negros e brancos na sociedade brasileira, como podemos observar nessas duas passagens:

> Eu estava pagando o sapateiro e conversando com um preto que estava lendo um jornal. Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrou numa árvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transforma preto em bode expiatório. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata? (JESUS, 1976, p. 105).

> Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta […] O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguem. (JESUS, 1976, p. 63).

Outro tema frequentemente abordado no romance é a condição de vida dos favelados e catadores:

> Esquentei o arroz e os peixes e dei para os filhos. Depois fui catar lenha. Parece que vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade (JESUS, 1976, p. 80).

> As mulheres vasculham o lixo procurando carne para comer. E elas dizem que é para os cachorros... Até eu digo que é para os cachorros... (JESUS, 1976, p.102).

Como foi descrito neste subcapítulo, a obra *Quarto de Despejo* teve grande repercussão no cenário nacional, mas não apenas no Brasil. Internacionalmente, Carolina também ganhou destaque, que será apresentado no próximo subcapítulo.

1.3) Quarto de Despejo traduzido

Após o lançamento de seu livro, vários artigos foram publicados sobre ela em outros países. Publicações estrangeiras como *Time*, *Life*, *Paris Match* e *Le Monde* deram destaque aos seus diários e a sua história. Dentro de um ano, Carolina já

estava competindo com Jorge Amado como o(a) autor(a) brasileiro(a) mais amplamente traduzido(a)[13].

Em 1961, Carolina recebeu um convite para viajar para a Argentina. Além do lançamento do livro, ela foi convidada para participar de dois filmes: o primeiro baseado em sua obra e o segundo, uma comédia, chamada *Os Vagabundos*. Além de ser capa de revistas e jornais no país, como no *El Mundo* e *Clarín*, esse último publicou, inclusive, uma de suas músicas chamada *O pobre e o rico*, composta especialmente para a adaptação de *Quarto de Despejo* para o teatro.

Segundo Tom Farias, as traduções de *Quarto de Despejo* surgiram, em sua maioria, entre os anos de 1961 e 1965. A primeira tradução foi feita na Dinamarca, seguida por Holanda e Argentina. No ano de 1962, o livro foi lançado na França, Alemanha Ocidental, Suécia, Itália, Checoslováquia, Romênia, Inglaterra, Estados Unidos e Japão. Entretanto, em Portugal, o livro foi proibido pelo Regime Oliveira Salazar.

Sobre o valor recebido pelas traduções, não há informação clara, segundo o escritor da biografia, Tom Farias:

> Na verdade, autora e editora perderam a mão com relação as traduções, porque indícios indicam que, no estrangeiro, a editora de lá repassava, ela mesma, o direito de edição para outra, de outro país, como aconteceu com edição americana que saiu dos Estados Unidos para a inglesa, na Inglaterra, a Argentina que levou os livros para o Uruguai e o Chile etc., mas sob o fomento de um único contrato, ou seja, com a possibilidade de apenas um pagamento de direitos autorais (FARIAS, 2017, p.314).

Ainda segundo ele:

> Nos primeiros contratos com as editoras estrangeiras, entretanto, ficou previsto uma porcentagem para ele [Audalio Dantas]. O controle das contas passava pela Livraria Francisco Alves, através do Dr. Lélio e do sr. Miller. Mas os problemas com Carolina relativos ao dinheiro foram de tal ordem que, por volta de 1963, Audalio desistiu de sua parte e de qualquer relação com assunto. O gerenciamento ficou com a Livraria Francisco Alves. [...] [que] também tiveram problemas com os editores estrangeiros e com Carolina [...]. Por volta de 1965 a livraria abandonou controle das traduções, possivelmente com prejuízos para todos. (FARIAS, 2017, p.334).

[13] LEVINE, R. M. The Cautionary Tale of Carolina Maria de Jesus. *Latin American Research Review*, Miami, v. 29, n. 1, p. 55-83, 1994.

Quarto de Despejo foi traduzido para dezesseis línguas[14] e em quarenta países, incluindo a antiga União Soviética, tornando-se um dos livros brasileiros mais conhecidos no exterior. Dentre eles temos:

[14] O artigo *The Cautionary Tale of Carolina Maria de Jesus* aponta para 13 línguas, porém, até o presente momento, já localizamos 16 traduções.

Quadro 1: Lista de Traduções de *Quarto de despejo*

Idioma	**Título**	**Tradução aproximada do título**	**Tradutor**[15]	**Ano**
Alemão (1ª edição)	Tagebuch der Armut: Aufzeichnungen einer Brasilianischen Negerin	Diário da Miséria: anotações de uma negra brasileira*	Johannes Gerold	1962
Alemão (7ª edição)	Tagebuch der Armut: Das Lieben in einer brasilianischen Favela.	Diário da Miséria: a vida numa favela brasileira. *	Johannes Gerold	1993
Catalão	Els mals endreços: Diari d´una dona de les barraques	As coisas ruins: Diário de uma mulher nas cabanas**	Francesc Vallverdú	1963
Dinamarquês	Lossepladsen	Lixo*	Borge Hansen	1961
Espanhol (Argentina)	La hambre es amarilla	A fome é amarela**	-	-
Espanhol (Buenos Aires)	Quarto de Despejo: diário de una mujer que tenia hambre	Quarto de Despejo: diário de uma mulher que tinha fome**	Beatriz Broide de Sahovaler	1961
Espanhol (Cuba)	La favela: casa de desahogo	A favela: casa de desabafo**	-	1965
Francês	Le Dépotoir	O Depósito*	Violante do Canto	1962
Holandês	Barak nr 9: dagboek van eenBraziliaansenegerin	Barracão n°9: Diário de uma negra brasileira*	J. Van Den Besselaar e Van Der Kallen	1961

[15] BARCELLOS, Sergio da Silva. *Vida por escrito*: Guia do acervo de Carolina Maria de Jesus. Sacramento. Bertolucci Editora, 2015.

Húngaro	Aki átment a szivárvány alatt: Egy barakklakó naplója	(refere-se a diário ou vivência diária) **	Hargitai Gyögy	1964
Inglês (USA)	Child of the Dark: the diary of Carolina Maria de Jesus	Filha da escuridão: o diário de Carolina Maria de Jesus*	David St. Clair	1962
Inglês (Inglaterra)	Beyond all pity: the diary of Carolina Maria de Jesus	Além da compaixão: o diário de Carolina Maria de Jesus*	David St. Clair	1962
Italiano	Quarto de Despejo	Quarto de Despejo**	Valentino Bompiani	1962
Japonês	Karorina no nikki	O Diário de Carolina*	Nabuo Hamaguchi	1962
Persa	Farzande tariki[16]	Filha da Escuridão**	Simin Dakht Tcheharegasha	1999
Polonês	Życie na Śmietniku	A vida numa lixeira/ À margem da vida*	Helena Czajka	1963
Romeno	São Paulo, Strada A, nr.9.	São Paulo, estrada A, n°9*	Romulu vulpescu	1962
Sueco	Skräpkammaren: Dagboksant eckningar av Carolina Maria de Jesus	Diário de anotações de Carolina Maria de Jesus*	Bengt Kyhle	1962
Tcheco	Smetiště: Deníkženy z favely	Mulheres no lixão de uma favela*	Vlasta Havlínová	1962
Turco	çöplük	lixeira**	-	2002

Fonte: Própria (2019).

* Traduções e explicações presentes em (FARIAS, 2017, p. 301 e 302).
** Traduções empreendidas pela autora, por meios digitais.

[16] Segundo o site <http://folhadepoesia.blogspot.com/2016/07/carolina-maria-de-jesus.html>> Acesso 20 set. 2019, essa edição foi traduzida a partir da tradução inglesa.

Em 1962, o livro foi traduzido e publicado nos Estados Unidos e Reino Unido, ou seja, apenas dois anos após a primeira edição brasileira. O volume foi traduzido por David St. Clair como *Child of the Dark: the Diary of Carolina Maria de Jesus*. Segundo Tom Farias, St. Clair era amigo pessoal da escritora.

Gayle Lee St. Clair (1932-1991), conhecido como David St. Clair, nasceu em Ohio, Estados Unidos. Estudou em Warren G. Harding Senior High School (Ohio, USA), Columbia University e New School for Social Research. Era autor, conferencista, jornalista, romancista e psíquico.

Morou por um tempo no Rio de Janeiro e seu círculo de amigos e colegas era grande e variado, incluindo pessoas como o presidente João Goulart e sua esposa Maria Teresa e o cantor e compositor Antônio Carlos Jobim, além do curandeiro Alberto Aguas, do escritor Guy Lyon Playfair e da médium intuitiva Karen Gresham.

Escreveu livros como: *Drum & Candle - First-hand Experiences and Accounts of Brazilian Voodoo & Spiritism* (1971), *Say You Love Satan* (1987), *The Devil Rocked her Cradle* (1987), *Child Possessed* (1979), *Mine to Kill* (1985) e *The mighty, mighty Amazon* (1968).

O tradutor, como é possível observar, trabalhava com temas da ordem do psiquismomisticismo, uma área bem diferente da obra *Quarto de Despejo*, e não conseguimos encontrar outros trabalhos feitos por ele na área da tradução.

David St. Clair também foi o responsável por publicar uma matéria[17] sobre Carolina na revista *Time*. Entretanto, no final de 1960, Carolina abriu um processo contra a revista e contra o tradutor alegando que a matéria era "altamente injuriosa". Ainda segundo a reportagem do jornal *Tribuna da Imprensa*, "a notícia 'atenta contra a moral [dela]' e 'refere-se em termos desprestigiosos aos brasileiros em geral.'". Carolina também afirma que "David St. Clair, ou o Time, ou os dois, desvirtuaram 'certas passagens do livro', que sairá agora em terceira edição num total de 80 mil exemplares [...]." O jornal faz, também, um resumo da reportagem da *Time* ressaltando os pontos que deram origem ao processo:

> 1°. que Carolina é uma preta alta, com três filhos ilegítimos, de três pais diferentes; 2°. que ela vivia entre pessoas barulhentas e que só pensava em sexo; 3°. que começou a escrever seu diário para que "os animais com os quais era obrigada a viver" não fossem esquecidos; 4°. que depois que escreveu o livro é que ela

[17] Disponível em: <http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,897607,00.html> Acesso 12 abr. 2019.

> começou a comer três vezes ao dia; 5°. que as favelas são cidades isoladas, misteriosamente vivas, mas onde é melhor não ir; 6°. que Carolina perdeu sete empregos como criada porque vivia saindo das casas à noite para "fazer amor"; 7°. que uma mulher embriagada disse a ela quando sua mudança saía da favela: "Você fez coisas piores do que eu fiz." (Tribuna da Imprensa, RJ, 25 de outubro de 1960, edição 02278).

É importante ressaltar que encontramos pelo menos uma tradução, neste caso para o Persa, que foi produzida a partir da versão do livro para o inglês. As demais procedências não puderam ser analisadas, tendo em vista que o processo de tradução não teve acompanhamento adequado da editora de origem, faltando, muitas vezes, até mesmo os registros de direitos autorais.

No próximo capítulo, por meio dos pressupostos teóricos de Schleiermacher (2007 [1813]) e Venuti (2008 [1995]), fundamentaremos a discussão acerca da estrangeirização e domesticação da obra *Quarto de Despejo* em sua tradução para o inglês. As bases teóricas serão pautadas principalmente na reescrita de nomes próprios e pronomes de tratamento, nos aspectos de domesticação/estrangeirização e na imagem do país e marcadores culturais.

2) DOMESTICANDO OU ESTRANGEIRIZANDO A LITERATURA BRASILEIRA

No próximo subcapítulo, abordaremos a metodologia na qual o trabalho se insere e trataremos de conceitos-chave para compreendermos o processo de recepção do romance *Quarto de despejo* em língua inglesa. Para tal, começaremos com uma breve discussão acerca da literatura brasileira traduzida.

Em seguida, nos debruçaremos sobre os conceitos de estrangeirização e domesticação, de forma a estabelecermos parâmetros para uma futura análise do romance, a ser conduzida no terceiro capítulo do presente trabalho.

Tal discussão será iniciada com o artigo *Sobre os diferentes métodos de traduzir*, do pioneiro das discussões acerca do tema, o teórico alemão Friedrich Schleiermacher (2007[1813]), além de abordarmos a discussão contemporânea de Lawrence Venuti (2008[1995]).

No segundo subcapítulo, discutiremos as utilizações de parâmetros estrangeirizadores ou domesticadores no contexto de nomes próprios, pronomes de tratamento e marcadores culturais a partir dos autores Hanne Martinet (1982), Theo Hermans (1988), Hoebel & Frost (2006), Aubert (2006) e Bosi (1992).

2.1) Metodologia

Este estudo é pautado na análise qualitativa de excertos do texto traduzido, selecionados a partir do método de análise de conteúdo. Vale ressaltar que a finalidade última de tais aplicações é a realização do que Prus (*apud* MOREIRA, 2002) denominou “dupla hermenêutica”, ou seja, a análise de entidades que, por sua vez, interpretam o mundo que as rodeia.

No presente trabalho, tanto o texto-fonte, quanto sua tradução para a língua inglesa são textos literários que trazem marcas de seus contextos de origem e da visão de mundo de seus autores e coautores. Traremos, ainda, a preocupação de discutirmos como os textos interagem entre si, de forma a ampliar a compreensão acerca da chegada da obra de Carolina Maria de Jesus ao sistema literário estadunidense.

Para mantermos os parâmetros de análise, utilizamo-nos de categorias elaboradas a partir da análise de conteúdo. Esse método estabelece condições para a categorização do trabalho, conforme veremos abaixo[18]:

(i) *Ter regras claras de inclusão e exclusão: é preciso existir regras claras sobre os limites e definição de cada categoria*. Em nosso estudo, escolhemos agrupar os excertos, primeiramente, pelo volume de recorrência e, posteriormente, classificá-los em quatro grandes categorias: contexto da obra; tradução de nomes próprios e pronomes de tratamento; tradução de aspectos da cultura brasileira e erros da tradução.

(ii) *Ser mutuamente excludente: o que está em uma categoria, não pode estar em outra*. Essa característica nos levou a separar em categorias distintas as informações contidas em notas de rodapé, no título e no corpo do texto, por exemplo;

(iii) *Não ser muito ampla: devem ser homogêneas, e não serem muito distantes entre si.* Em nossa discussão, os aspectos da apresentação da cultura brasileira permeiam toda a análise, mas foram apresentados em discussões mais concisas para que os exemplos pudessem ser discutidos com maior profundidade;

(iv) *Contemplar todos os conteúdos possíveis: não pode haver conteúdos que não se encaixem em alguma categoria.* Todos os elementos encontrados que tagem às escolhas do tradutor David St. Clair foram agrupados em uma das quatro grandes categorias;

(v) *Ter objetividade, sem subjetivismos: é preciso que a classificação seja objetiva, possibilitando a replicação do estudo*. Acreditamos, inclusive, que a análise empreendida seja relevante para futuros estudos acerca da tradução da literatura brasileira para a língua inglesa.

As categorias que nortearão a análise serão, dessa forma, (i) Contexto da obra, (ii) Nomes próprios e pronomes de tratamento; (iii) Aspectos de domesticação e imagem do país; (iv) Erros e manipulações detrimentais.

---

[18] CARLOMAGNO, Márcio C; ROCHA, Leonardo Caetano da. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, Paraná, v. 7, n. 1, 2016.

2.2) Literatura brasileira traduzida para o inglês

Em seu artigo, *O Papel da Patronagem na Difusão da Literatura Brasileira: o Programa de Apoio à Tradução da Biblioteca Nacional*, Márcia Matins (2008) menciona que a literatura brasileira é pouco divulgada e lida no exterior, além de contribuir, via tradução, para criar ou reforçar imagens e representações parciais e estereotipadas da nossa cultura.

Um dos programas de exportação da literatura nacional é conduzido pela Fundação Biblioteca Nacional com o objetivo de incentivar editoras estrangeiras a publicarem obras brasileiras. Segundo o site da Biblioteca Nacional, o "Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros" tem por objetivo "a difusão da literatura e da produção intelectual brasileira no exterior e já conquistou lugar de destaque no mercado internacional e nas políticas culturais, por ser um importante e contínuo instrumento de internacionalização da cultura nacional"[19].

Entre 1991 e 2019, 1.065 bolsas para traduzir livros brasileiros foram concedidas. Desse total, 950 obras de autores brasileiros já foram publicadas (até setembro 2018). Os autores mais traduzidos, dentre os 335 totais, são: Clarice Lispector (42), Machado de Assis (40), Jorge Amado (26), Rubem Fonseca (22), Alberto Mussa (17), Moacyr Scliar (16), Adriana Lisboa (16), Luiz Ruffato (13), Daniel Galera (11) e Ferreira Gullar (11).

É importante mencionar, no entanto, que os esforços da Biblioteca Nacional não são contínuos ou ininterruptos. De acordo com o levantamento da autora Márcia Matins (2008), como mostra a tabela 1, há uma variação na concessão de bolsas.

[19] Fonte: <https://www.bn.gov.br/explore/programas-de-fomento/programa-apoio-traducao-publicacao-autores > Acesso 25 set. 2019

Ano	N° de bolsas
1991	9
1994	23
1995	13
1997	16
1998	13
1999	25
2000	26
2001	16
2003	4
2004	29
2005	20
Total	193

Tabela 1: Nº de bolsas oferecidas por ano pela biblioteca nacional
Fonte: MARTINS, MÁRCIA. O Papel da Patronagem na Difusão da Literatura Brasileira: o Programa de Apoio à Tradução da Biblioteca Nacional. 2008.

Outro dado relevante a respeito da literatura brasileira traduzida pode ser verificado no repositório de teses e dissertações da Capes. Ao buscarmos pelo termo "Literatura Brasileira Traduzida", encontramos 132.400 dissertações de mestrado e 48.696 teses de doutorado[20]. Tal fato demonstra uma representatividade crescente da temática nos círculos universitários brasileiros, o que não reflete, necessariamente, em um aumento do prestígio da literatura brasileira traduzida.

De acordo com o colóquio *Brazilian Literature: Challenges for Translation*: "Apesar de ser a sexta língua mais falada no mundo, presente em todos os continentes e oficialmente a língua de oito países, o português não está entre os idiomas mais frequentemente traduzidos para o inglês (VALIM DE MELO, 2017, tradução nossa)"[21]. Os possíveis motivos para esse fenômeno são abordados no artigo *O paraíso distinto de editores, autores e leitores*:

> Uma razão para a falta de tradução pode ser a influência de estereótipos, pois leitores e editores internacionais podem ter procurado por "imagens do país" em livros escritos por escritores brasileiros.

[20] Fonte: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>Acesso em 28 ago. 2019.
[21] Despite being the sixth most spoken language in the world, present in all continents and officially the language of eight countries, Portuguese is not among the languages most often translated into English (VALIM DE MELO, 2017).

> Outros motivos podem ser a má qualidade das obras traduzidas e a falta de intermediação da literatura brasileira no exterior, o que pode fazer com que as traduções ocorram por motivos pessoais, com livros e escritores escolhidos por tradutores, pesquisadores e/ou grupos de tradução vinculados a universidades.[22] (LAJOLO *apud* VALIM DE MELO, 2006, tradução nossa).

Além das questões da imagem do país, o próprio sistema tradutório e a posição periférica do país impactam a receptividade e a circulação da literatura brasileira em língua estrangeira, como aponta Werner (2015):

> [...] o fluxo de tradução do Brasil para outros países e idiomas é influenciado pela posição econômica e política do país no cenário internacional e também por indivíduos que desempenham um papel decisivo no crescimento do sistema de tradução. Além disso, a tradução segue uma estrutura desigual, na qual as relações entre centro e periferia causam vários efeitos na circulação dos bens culturais de um país, e o português é considerado um idioma periférico para o sistema de tradução[23]. (WERNER *apud* VALIM DE MELO, 2017, tradução nossa).

Outro ponto que merece destaque refere-se aos tradutores de autores brasileiros que normalmente começam suas carreiras traduzindo literatura hispano-americana, como é o caso de Margaret Jull Costa, que iniciou sua carreira com autores hispânicos e se estabeleceu na literatura de língua portuguesa, englobando clássicos brasileiros, como obras de Machado de Assis, e autores canônicos portugueses, como Saramago e Eça de Queiroz.

Os aspectos da descontinuidade de traduções, das motivações não-profissionais para os livros traduzidos e da ausência de acompanhamento levam, muitas vezes, a erros na representação da literatura e da cultura brasileiras. Para

---

[22] A reason for the lack of translation could be the influence of stereotypes, as international readers and publishers may have searched for 'images of the country' in books written by Brazilian writers. Other motives could be the poor quality of translated works and the lack of brokering of Brazilian literature abroad, which can make the translations occur for personal reasons, with books and writers chosen by translators, researchers and/or translation groups linked to universities (LAJOLO a*pud* VALIM DE MELO, 2017).

[23] […] the translation flow from Brazil to other countries and languages are influenced by the economic and political position of the country in the international scene, and also by individuals who play a decisive role in the growth of the translation system. Furthermore, translation follows an uneven structure in which the relations between centre and periphery cause a number of effects on the circulation of a country's cultural goods, and Portuguese is considered to be a peripheral language for the translation system (WERNER *apud* VALIM DE MELO, 2017).

compreendermos esse processo, nos dedicaremos aos conceitos de domesticação e estrangeirização no subcapítulo 2.3.

2.3) Domesticação e estrangeirização

Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834) foi um teórico literário do Romantismo alemão que manifestou particular preocupação com o ofício do tradutor e suas consequências para as trocas culturais realizadas por meio da tradução.

Seu texto *Sobre os diferentes métodos de traduzir* teve profundo impacto nas discussões tradutórias, sendo ainda hoje uma referência para estudiosos do campo em questão.

Dentre as diferentes discussões empreendidas pelo autor, nos centraremos em especial: na distinção entre intérprete e tradutor, nas soluções possíveis para a não equivalência, em quem fica em paz e na estrangeirização e domesticação.

Dessa forma, de acordo com Schleiermacher (2007[1813]), existe uma diferença marcante entre o intérprete, que trabalha no campo da vida comercial, e o "tradutor genuíno" (SHLEIERMACHER, 2007 [1813], p. 234), que transita no domínio da ciência e da arte. No caso do romance estudado, podemos destacar, por exemplo, que David St. Clair, como foi possível observar no capítulo anterior, era conhecido por suas obras como escritor, mas existem poucas evidências sobre seu trabalho na área da tradução.

Ainda relacionado ao contexto de *Quarto de despejo* é notável a distância existente entre as línguas inglês e português. Entretanto, mesmo dentro de uma mesma língua, com o passar dos anos, já é possível observar diferenças ocorridas na linguagem, o que acarreta, algumas vezes, a necessidade de uma nova interpretação. O tradutor, então, é a pessoa responsável por essa mediação linguística. Schleiermacher busca mostrar que não há uma correspondência exata entre o léxico de uma língua com o léxico da outra e, se isso acontecesse, a tradução seria uma atividade meramente mecânica. Assim, de acordo com ele, quanto mais distantes estão as línguas, quanto à origem e ao tempo, mais diferentes serão, e por consequência, menos equivalentes.

Segundo Schleiermacher (2007 [1813]), existem duas formas de lidar com a não equivalência: a paráfrase e a imitação. Na paráfrase, mesmo que o tradutor não encontre uma palavra que signifique exatamente a mesma coisa, ele busca se

aproximar o máximo possível do sentido a ela atribuído. Já na imitação, o tradutor literário, por saber que atingir essa equivalência é impossível, elabora uma reescrita, composta de partes diferentes da obra original, mas que tenha um efeito aproximado.

Assim, Schleiermacher (2007 [1813]) propõe que: "ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro (SCHLEIERMACHER, 2007 [1813], p. 242)". No primeiro caso, o tradutor busca fornecer pistas que leitor irá interpretar de forma a conhecer o contexto e a construção da obra. Já no segundo caso, o tradutor faz o percurso até o leitor, adaptando o texto e criando um ambiente familiar para seu leitor. Ao fazer uma escolha, segundo Schleiermacher, o tradutor deve se manter coerente a ela para que o texto não se torne incompreensível para o leitor. "[...] o tradutor tem que se colocar como meta proporcionar ao seu leitor uma imagem e um prazer semelhantes aos que a leitura da obra, na língua original, busca o homem culto[...] (SCHLEIERMACHER, 2007 [1813], p. 246)". Percebe-se, na citação, que o teórico alemão define o leitor ideal como aquele capaz de reconhecer e compreender as escolhas de um tradutor que opere por meio da imitação.

Lawrence Venuti atualizou tais propostas com os conceitos de estrangeirização e domesticação. Para o teórico estadunidense, tal escolha está ligada aos conceitos de invisibilidade e fluência. O termo "invisibilidade" é usado por ele para descrever a situação e a atividade do tradutor como manipulador da linguagem traduzida nas culturas contemporâneas, britânicas e estadunidenses. De acordo com os conceitos em questão, o autor tem liberdade para expressar seus pensamentos e sentimentos através da escrita, o que é assim visto como uma autorrepresentação original e transparente. Essa representação é construída sem a mediação de determinantes linguísticos, culturais e sociais, que poderiam complicar a originalidade autoral (VENUTI, 2008[1995]).

Tal concepção está diretamente ligada à noção de "fluência". Um texto traduzido, seja ele prosa ou poesia, ficção ou não-ficção, é considerado aceitável pela maioria dos editores, revisores e leitores quando este é lido fluentemente, quando a ausência de qualquer peculiaridade linguística ou estilística faz com que pareça transparente, dando a impressão de refletir a personalidade ou intenção do escritor estrangeiro ou o significado essencial do texto estrangeiro – a aparência, em

outras palavras, de que a tradução não é de fato uma tradução, mas sim o “original” (VENUTI, 2008[1995], tradução nossa)[24]. Ainda segundo Venuti, uma tradução fluente é imediatamente reconhecível e inteligível, "familiarizada", domesticada, não desconcertantemente estrangeira, capaz de dar ao leitor acesso livre a grandes pensamentos, ao que está "presente no original".

Entretanto, ao considerar a fluência do texto, o tradutor também deve levar em conta os dois conceitos propostos por Venuti. Aprofundando na definição, os termos “domesticação” e “estrangeirização” indicam atitudes fundamentalmente éticas em relação a um texto e cultura estrangeiros, produzidas pela escolha de um texto para tradução e pela estratégia concebida ao traduzi-lo. Por outro lado, termos como “fluência” e “resistência” indicam características fundamentalmente discursivas das estratégias de tradução em relação ao processamento cognitivo do leitor (VENUTI, 2008 [1995], tradução nossa)[25].

Dessa forma, o processo de recepção de um texto domesticado é caracterizado pela fluência de leitura, sendo que o leitor, diversas vezes, sequer tem consciência de que está lendo um texto traduzido. O processo de estrangeirização, por outro lado, leva a uma interrupção da fluência, para que elementos não familiares ao leitor tenham impacto no processo de recepção do texto.

Consequentemente, ao escolher o processo de domesticação, o tradutor remove as diferenças culturais, adaptando o texto à cultura de chegada. Já na estrangeirização, ele opta por manter a estranheza do texto original e da cultura de partida.

As discussões aqui presentes serão relevantes para a análise proposta no capítulo 3, uma vez que a obra *Quarto de Despejo* ainda era pioneira e polêmica no contexto brasileiro na época em que foi publicada e traduzida. Isso nos leva ao questionamento das possíveis consequências de estratégias domesticantes ou estrangeirizantes nesse contexto.

---

[24] A translated text, whether prose or poetry, fiction or nonfiction, is judged acceptable by most publishers, reviewers and readers when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance that it reflects the foreign writer’s personality or intention or the essential meaning of the foreign text – the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the “original.” (VENUTI, 2008 [1995], p. 1).

[25] The terms “domestication” and “foreignization” indicate fundamentally ethical attitudes towards a foreign text and culture, ethical effects produced by the choice of a text for translation and by the strategy devised to translate it, whereas terms like “fluency” and “resistancy” indicate fundamentally discursive features of translation strategies in relation to the reader’s cognitive processing. (VENUTI, 2008 [1995], p. 19)

Como aplicação dos processos citados por Venuti, os próximos itens desse capítulo analisarão a teoria referente aos nomes próprios, além dos marcadores culturais como opções relevantes de análise, principalmente devido à escrita coloquial da autora Carolina Maria de Jesus.

2.4) Nomes próprios em tradução

A obra *Quarto de Despejo,* como já mencionado, apresenta diversos aspectos culturais brasileiros. Um aspecto que podemos considerar relevante são os nomes próprios. A autora da obra, ao descrever sua realidade na favela, introduz para o leitor quem são os personagens, da vida real, que fazem parte do seu dia a dia.

Segundo Martinet (1982), no texto literário, os nomes próprios não apenas desempenham uma simples função denotativa de seres e lugares, mas apresentam uma função mais ampla, que exige do tradutor uma análise total do texto para compreender o que representam no universo ficcional da obra.

Assim, ainda de acordo com Martinet (1982), podemos pensar em algumas escolhas tradutórias, que podem ser adotadas em relação aos nomes próprios: i) podem ser conservados como aparecem no texto original, ii) podem ser traduzidos por equivalentes conotativos da língua de chegada e iii) podem ser adaptados foneticamente, principalmente no caso de textos poéticos e dramáticos.

Então, é necessário considerar a importância dos papéis que os nomes próprios desempenham em determinada narrativa, juntamente com o lugar que ocupam no universo literário do autor. Tais aspectos são fundamentais para absorvermos a essência do texto como um todo.

Outro exemplo é Paulo Rónai, que foi tradutor, revisor e crítico também responsável pela revisão, anotação, introdução e comentário da *Comédia Humana*, de Balzac. Esqueda (2004) comenta a inevitável escolha do tradutor ao fazer uso das notas de rodapé e, assim, mostra a função social dos nomes:

> [...] – em toda a Comédia, 7.493 – para, além de outros motivos, esclarecer ou explicar os trocadilhos que o autor francês realiza com relação aos nomes das personagens: O nome próprio é a marca identificatória, mas também a marca do ofensivo, do sarcasmo. O que é mais próprio se torna o mais comum. O nome próprio desvela uma face, abre uma máscara social que pode ter também uma outra face, cuja

> máscara pode estar na língua, essa que não pertence. (ESQUEDA, 2004, p. 113).

Complementando, Para Ballard (1998), a opção pela não tradução dos nomes próprios aproxima-se do processo de empréstimo em relação a termos da língua de partida que não existem na língua de chegada.

A partir do texto *On translating Proper Names, with reference to De Witte and Max Havelaar*, Theo Hermans propõe algumas soluções para a tradução, ou não, de nomes próprios. Ressaltando o comentário de Sir John Trevisa (1387), o autor fala das mudanças e trocas que ocorrem normalmente na tradução:

> [...] em alguns lugares eu devo inverter a ordem das palavras, trocar voz ativa pela passiva e assim por diante. E, em alguns lugares, devo definir uma razão para usar uma palavra e dizer o que ela significa. Mas, para todas essas mudanças, o significado permanecerá e não será alterado. Entretanto, algumas palavras e nomes de países, regiões, cidades, águas, rios, montanhas e colinas, pessoas e lugares devem ser definidos e representados por si mesmos como sua própria espécie... (Sir John Trevisa, 1387 *apud* HERMANS, 1988, tradução nossa)[26].

Sendo assim, a posição de Trevisa seria optar pela não tradução dos nomes próprios em um texto. Hermans cita também o linguista alemão M. C. Van den Toorn, que corrobora com essa opinião ao afirmar que "em contraste com os substantivos comuns, não é possível traduzir nomes próprios de uma língua para outra (TOORN *apud* HERMANS, 1988, tradução nossa)"[27].

Theo Hermans, ao contrastar os dois autores, coloca que os substantivos comuns não têm real significado, pois servem apenas para identificação. Em contraposição, os nomes próprios direcionam para um referente concreto.

Para classificar os nomes próprios, o autor, através de uma perspectiva translacional, propõe uma divisão em duas categorias: os "convencionais", sem motivação, e os "carregados", com motivação, sendo que eles podem ter implicações históricas e culturais em um ambiente específico. Complementando, Hermans diz que teoricamente existem pelo menos quatro maneiras de transferir um

---

[26] [...] in some place I must change the order of words, and set active for passive, and again-ward. And in some place I must set a reason for a word, and tell what it meaneth. But for all such changing, the meaning shall stand and not be changed. But some words and names of countries, of lands, of cities, of waters, of rivers, of mountains and hills, of persons, and of places, must be set and stand for themselves as their own kind... (HERMANS, 1988, p. 11).

[27] In contrast to common nouns, it is not really possible to translate proper nouns from one language into another. (HERMANS, 1988, p.11).

nome próprio de uma língua para outra: (i) cópia, em que o tradutor reproduz exatamente igual ao original; (ii) transcrição, em que pode haver um processo de transliteração ou adaptação em nível fonológico ou gráfico; (iii) substituição, em que ocorre a mudança total do nome por qualquer outro; e, por fim, a (iv) tradução por algum outro nome que tenha o mesmo significado da língua original.

Além desses parâmetros, o autor acrescenta que, do ponto de vista teórico, existem outras alternativas que podem ser usadas: a não tradução, em que há a exclusão de um nome próprio do texto de origem no texto de destino; a substituição de um nome próprio por um substantivo comum (geralmente denotando um atributo estruturalmente funcional do personagem em questão); a inserção de um nome próprio no texto de destino, sendo que não há nenhum no texto de origem; e a substituição de um substantivo comum do texto de origem por um nome próprio no texto de destino.

Em *Quarto de Despejo*, precisaremos atentarmo-nos ao emprego dado aos nomes próprios na obra traduzida. No entanto, outros aspectos de designação de personagens também precisarão receber ênfase. A escritora frequentemente faz uso de pronomes de tratamento e honoríficos, dentre eles temos: “senhora”, “senhor”, “seu” e “dona” como os mais utilizados. Esse aspecto é característico do meio no qual a autora está inserida e representa uma forte marca cultural, como veremos no subcapítulo seguinte.

2.5) Marcadores culturais

Neste subcapítulo abordaremos os conceitos teóricos referentes aos marcadores culturais, uma vez que a obra analisada apresenta aspectos típicos da cultura brasileira. De acordo com Aubert (2006), toda manifestação linguística carrega uma ou mais marcas do vínculo presente entre língua e cultura. Essas marcas podem se manifestar em pelo menos três dimensões distintas na linguagem:

> Mesmo aspectos aparentemente restritos à dimensão gramatical não deixam de conter essas marcas, como testemunham, entre tantos outros aspectos, as diferenças interlinguais na marcação de gênero, número, grau e definido/indefinido, a expressão de tempo e aspecto (vinculada mais ou menos estreitamente à conjugação verbal), as formas de tratamento, as preposições marcadoras da espacialidade

> (estática ou dinâmica), etc., etc. No plano discursivo, podem ser observadas marcas desta natureza particularizadora nas intertextualidades que fazem sentido em determinado complexo língua/cultura, mas fazem outro sentido (ou sentido algum) em outros complexos língua/cultura. Outras marcas, ainda, dizem mais diretamente respeito à dimensão referencial das línguas, remetendo aos universos ecológico (flora, fauna, topografia, hidrografia, etc.), da cultura material (objetos e espaços criados pelo homem), da cultura social (relações sociais de toda ordem) e da cultura religiosa (nos termos de Nida, 1945), ou, talvez mais precisamente, ideológica (referências a sistemas de crenças) (vide, p.ex., Aubert, 1998, 2003). (AUBERT, 2006, p. 24-25).

Complementando essa definição, os antropólogos Hoebel & Frost (2006) oferecem, também, algumas perspectivas para pensar a relação entre língua e cultura. Os autores enfatizam o fato de que essa relação está interligada intrinsecamente, de tal modo que uma não existe sem a outra. Ainda segundo eles, sem a linguagem humana, a cultura seria impossível:

> Todos os animais que sentem se comunicam e alguns, como as abelhas e as doninhas o fazem muitíssimo bem. Mas somente os seres humanos são capazes de generalizar, de dar explicações e, assim, constituir o corpo de tradições que pode ser identificado como cultura humana. O que não é claro a respeito dos animais que não são seres humanos é até que ponto seus padrões de comunicação são aprendidos. Os seres humanos aprendem uma língua do mesmo modo que aprendem uma cultura; não nascem com a linguagem. Assim a linguagem é "um sistema distintamente humano de comportamento, baseado em símbolos orais", que são "usados para descrever, classificar e catalogar experiências, conceitos e objetos." Portanto, a linguagem é um sistema especial de comunicação que é especificamente oral e simbólico. E é aprendido. (HOBEL & FROST, 2006, p. 381).

A obra *Quarto de Despejo* é escrita através de uma linguagem informal. Carolina Maria de Jesus, muitas vezes, utiliza a ortografia das palavras baseada na sua pronúncia, deixando seu trabalho com marcas da oralidade de sua época. Tal fato, como observado no capítulo 1, fez com que a autora recebesse diversas críticas da comunidade literária que considerava essa informalidade uma característica que desprestigiava a obra como um todo.

Alfredo Bosi (1992) propõe algumas definições do termo “cultura”, desde sua proposição pela Antropologia Cultural brasileira até a ampliação do conceito na contemporaneidade:

> A tradição da nossa Antropologia Cultural já fazia uma repartição do Brasil em culturas aplicando-lhes um critério racial: cultura indígena, cultura negra, cultura branca, culturas mestiças. Uma obra excelente, e ainda hoje útil como informação e método, a Introdução à antropologia brasileira, de Arthur Ramos, terminada em 1943, divide-se em capítulos sistemáticos sobre as culturas não européias (culturas indígenas, culturas negras, tudo no plural) e culturas européias (culturas portuguesa, italiana, alemã...), fechando-se pelo exame dos contatos raciais e culturais. Os critérios podem e devem mudar. Pode-se passar da raça para nação, e da nação para a classe social (cultura do rico, cultura do pobre, cultura burguesa, cultura operária), mas, de qualquer modo, o reconhecimento do plural é essencial (BOSI, 1992, p. 308).

O autor também comenta sobre a diferença entre cultura erudita e cultura popular brasileira:

> Se pelo termo cultura entendemos uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso, poderíamos falar em uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades), e uma cultura popular, basicamente iletrada, que corresponde aos mores materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna (BOSI, 1992, p. 308).

O fato da obra *Quarto de Despejo* conter diversos aspectos da cultura popular brasileira e da autora fazer parte dessa cultura e não da cultura erudita, também foram motivos de críticas na época da publicação do livro.

No capítulo 3 trataremos da análise de trechos selecionados para comparar a obra original e sua tradução para língua inglesa. Como categorias de análise, destacaremos: (i) Contexto da obra, (ii) Nomes próprios e pronomes de tratamento; (iii) Aspectos de domesticação e imagem do país; (iv) Erros e manipulações detrimentais.

3) ANÁLISE

Como já foi discutido no capítulo 1, o diário escrito por Carolina Maria de Jesus apresenta elementos característicos do tempo em que passou na favela e a obra como um todo contém marcas próprias de seu estilo de escrita. Esse fato impactou a recepção do público e fez com que a obra recebesse diversas críticas negativas a respeito das inovações de linguagem e vocabulário, sendo visto por alguns como uma "não literatura".

3.1) Contexto da obra

O primeiro aspecto a ser analisado é o título da obra. *Quarto de Despejo* é, como a autora descreve, a favela em que mora: "... Eu classifico São Paulo assim: O Palacio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos (JESUS, 1976. p.30)" e, mais adiante: "Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 1976. p. 35)".

No português do Brasil, o termo quarto de despejo é definido como "local destinado à acumulação de coisas inúteis" [28]. Sendo assim, essa analogia vai sendo tecida durante todo o romance para que o leitor construa a imagem mental de uma casa e suas partes. Entretanto, em inglês, optou-se pelo título *Child of the Dark*. Podemos associar o termo, de certa forma, à vida sofrida pela qual a autora passou, mas em momento algum essa escolha é explicitada. Além disso, há a perda da imagem construída pela autora.

Uma consequência indesejada da troca do termo pode ser notada, ainda, quando a autora escreve "mas ele deve aprender que a favela é o quarto de despejo de São Paulo. E que eu sou uma despejada (JESUS, 1976, p. 142)". O tradutor, ao se referir ao quarto de despejo, opta pelo termo "garbage dump" e essa sentença é

[28] Fonte: <https://www.dicio.com.br/despejo/> Acesso 30 set. 2019.

traduzida como “but he must learn that a favela is the garbage dump of São Paulo, and that I am just a piece of garbage (JESUS, 2003, p. 135)”. Ao mudar o termo, ele coloca como se ela estivesse chamando a si mesma de “piece of garbage”, ou seja, de lixo.

No entanto, o título não é o único aspecto em que o contexto da obra e suas marcas linguísticas são alterados na tradução para a língua inglesa. A oralidade se faz presente como estilo e como manifestação real da fala da autora e protagonista. Observemos o exemplo 1 do quadro 2:

Quadro 2: Exemplo de oralidade na obra *Quarto de Despejo* e sua tradução para a língua inglesa

ORIGINAL	TRADUÇÃO
A noite o peito doia-me. Comecei tussir. Resolvi não sair a noite para catar papel (JESUS, 1976, p. 9).	At night my chest pained me. I started to cough. I decided not to go out at night to look for paper (JESUS, 2003, p. 3).

Fonte: Própria (2019).

Nota-se nesse trecho o apagamento de representações verbais do português coloquial, características de uma autora sem educação formal. Destacamos a falta da crase em “a noite”, do acento em “doia-me” e a grafia de “tussir”, além de características sociais, como o termo “catar papel”, que faz parte de uma esfera específica em que a autora está inserida e que “look for paper” não abarca.

Podemos ressaltar como possíveis motivos a inexperiência literária/tradutória de David St. Clair, que frequentemente não trabalhava com tais temas, além da relutância em explorar os elementos de pobreza presentes na obra, como foi possível observar no subcapítulo 2.2 sobre a tradução da literatura brasileira e seus estereótipos.

As questões de oralidade também podem ser notadas no âmbito sintático, como pode ser observado no quadro 3:

Quadro 3: Exemplo de oralidade no nível sintático na obra *Quarto de Despejo* e sua tradução para a língua inglesa

ORIGINAL	TRADUÇÃO
...Elas vai na feira, cata cabeça de peixe, tudo que pode aproveitar. Come qualquer coisa. Tem estômago de cimento armado (JESUS, 1976, p. 17).	They go to the fish market, pick up fish heads, anything they can find. They eat anything. They must have stomachs of reinforced concrete (JESUS, 2003, p. 12).

Fonte: Própria (2019).

No trecho acima podemos observar a falta de concordância na sentença "elas vai na feira", que também representa uma marca da oralidade da autora. Já em inglês, o tradutor optou pela concordância padrão, que no português seria "elas vão". Além disso, há também um aspecto social muito presente na narrativa: a fome.

Outro aspecto que pode ser percebido na tradução é a utilização de tempos verbais mais complexos na tradução do que aqueles encontrados no texto fonte:

Quadro 4: Exemplo de oralidade na obra *Quarto de Despejo* e construções mais complexas na sua tradução para a língua inglesa

ORIGINAL	TRADUÇÃO
— Mas feitiço não existe. — Existe sim. Eu vi ela fazê (JESUS, 1976, p. 50).	"But there's no such thing as a witch" "Yes there is and she is one. I've seen her do it." (JESUS, 2003, p. 45).

Fonte: Própria (2019).

Na sentença "eu vi ela fazê" a autora usa a grafia representando novamente a oralidade. No inglês, além da falta dessa marca, o tradutor opta por sentenças com construções mais complexas, como o uso do presente perfeito. Há também uma mudança de sentido com a troca de "feitiço" por "witch", bruxa.

Ainda no âmbito da palavra, são comuns os exemplos de grafias não padronizadas no texto-fonte, cuja presença não é observada na obra traduzida:

Quadro 5: Exemplo de grafia não padronizada na obra *Quarto de Despejo* e sua tradução para a língua inglesa

ORIGINAL	TRADUÇÃO
...Ouvi uns buatos que os fiscaes vieram requerer que os favelados desocupem o terreno do Estado onde eles fizeram barracões sem ordem (JESUS, 1976, p. 71).	I heard the rumor that the police are going to demand the favelados get off State land where they've built their shacks without permission (JESUS, 2003, p. 65).

Fonte: Própria (2019).

Nesse excerto, temos a mudança na grafia das palavras "buatos" e "fiscaes", no português, enquanto no inglês há a escrita corretamente. Na tradução, optou-se por manter o termo "favelados", construindo uma estrangerização. Além disso, mantêm-se, como no trecho anterior, construções sintáticas mais rebuscadas do que no original, como "they've built".

Quadro 6: Exemplos de reescrita do vocabulário coloquial na tradução para a língua inglesa

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Os meninos ganharam uns pães duro, mas estava recheiado com pernas de barata. Joguei fora e tomamos café. Puis unico feijão pra cosinhar. Peguei a sacola e saí. Levei os meninos (JESUS, 1976, p. 97).	The boys got a few hard rolls but they were covered with cockroach droppings. I threw them away and we just drank coffee. I put the last of the beans on to cook. I picked up my sack and went out taking the children with me (JESUS, 2003, p. 92).

Fonte: Própria (2019).

Nesse trecho, vemos a falta da concordância em "pães duro", a grafia baseada na oralidade de "recheiado", além da falta do acento em "unico" e "cosinhar", grafado com a letra 's'. Da mesma forma que nos outros trechos, o tradutor optou por apagar essas marcas. Outra questão que caracteriza a obra são as frases curtas pontuadas com ponto final e, em inglês, o tradutor optou pelo uso de conjunções, juntando, portanto, as suas frases. Há também o uso do termo "droppings" como tradução de "pernas", representando um erro por parte do tradutor, uma vez que essa palavra faz referência a excrementos.

Com base nos excertos analisados, podemos observar que, na tradução, ocorre o apagamento de diversos elementos da coloquialidade. Na obra original

podemos notar desvios da norma culta do português que não são mantidos no inglês, além da alteração do grau de formalidade do texto por parte do tradutor.

As alterações analisadas impactam a recepção da obra na cultura-alvo, uma vez que alteram a percepção do contexto de pobreza e da precarização que a autora descreveu. Em seguida, ampliaremos tal análise para englobar a discussão de tradução de nomes próprios e pronomes de tratamento.

3.2) Nomes próprios e pronomes de tratamento

Analisaremos, neste subcapítulo, as escolhas tradutórias de David St. Clair em relação aos nomes próprios e pronomes de tratamento. Em português, Carolina Maria de Jesus utiliza, durante toda a sua obra, os marcadores “seu”, “senhor”, “senhora” e “dona”. Para um falante do português do Brasil, esses usos são compreendidos facilmente por fazerem parte do nosso cotidiano. Já em inglês, termos como “Miss” ou “Sir” representam uma forma mais respeitosa no tratamento. É importante compreender que esses pronomes não são equivalentes entre si, mas propor uma estrangeirização e optar por deixar os termos em português na obra inglesa pode prejudicar o entendimento do leitor.

Analisaremos a seguir a tradução dos pronomes de tratamento com base nos exemplos do quadro 7.

Quadro 7: Pronomes de tratamento na obra *Quarto de Despejo* e sua tradução para a língua inglesa

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Já me habituei beber café na casa do **Seu** Lino (JESUS, 1976, p. 21-22).	I'm used to drink coffee in **Senhor** Lino's house (JESUS, 2003, p. 16).
Surgio a **D.** Cecilia (JESUS, 1976, p. 13).	**Dona** Cecilia appeared (JESUS, 2003, p. 7).
– Para a **senhora** ele esta bem, porque ele e solteiro e a **senhora** também (JESUS, 1976, p. 163).	"For the **senhora** he is very good, because he is single and the **senhora** is too (JESUS, 2003, p. 156)".
Quando retornava encontrei o **senhor Ismael** com uma faca de 30 centímetros mais ou menos (JESUS, 1976, p. 18-19).	When I was returning I met **Ismael** with a knife at least a foot long (JESUS, 2003, p. 14).
E expliquei ao **senhor** o que é que eu escrevo (JESUS, 1976, p. 93).	I explained to the **gentlemen** what I was writing (JESUS, 2003, p. 88).
[...] parei para conversar com **uns senhores** e com o jornaleiro (JESUS, 1976, p. 92).	[...] stopped to talk with the vendor and **some men** (JESUS, 2003, p. 86).
– Não fique triste mamãe. Nossa Senhora Aparecida há de ter dó da **senhora** (JESUS, 1976, p. 14).	"Don't be sad, Mama. Our Lady of Aparecida will help **you** [...] (JESUS, 2003, p. 9)".

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

Nos trechos selecionados, podemos observar escolhas diferentes por parte do tradutor. Há um processo de elucidação com relação a explicitar o "Dona", marcado pela autora apenas como "D.", e o uso de "senhor" no lugar de "seu". Em alguns momentos, o tradutor optou por construir a estrangeirização, mantendo "senhor" e "senhora" no texto em inglês, sendo que em outros momentos ele faz uma domesticação substituindo os pronomes de tratamento por outros termos do inglês, como "some men", "you" ou "gentleman".

No português do Brasil, geralmente senhora/senhor são usados em sinal de respeito com o interlocutor. Entretanto, esses pronomes também podem ser considerados como ofensa, devido à implicação de idade avançada. A falta de explicação do tradutor pode causar problemas com relação a isso, como no seguinte trecho: "Para a senhora ele esta bem, porque ele é solteiro e a senhora também. Percebi que a intenção era diminuir-me aos olhos dele (JESUS, 1976, p.

163-164)". A intenção da personagem foi utilizar o pronome de forma pejorativa, inferindo que Carolina era velha. No inglês, o tradutor elucidou o uso do pronome apenas neste trecho, explicando que "senhora" corresponde a "Mrs.": "For the senhora he is very good, because he is single and the senhora is too. I could see that her intention was to ridicule me in his eyes, calling me senhora (Mrs.) (JESUS, 2003, p. 156)". A presença do pronome da língua inglesa entre parênteses reflete a necessidade sentida pelo tradutor em explicitar o motivo do uso em português. Contudo, permanece a falta de coerência e sistematização no texto traduzido, já que o termo "senhora" é utilizado amplamente nas demais situações encontradas no texto-alvo.

Com relação aos nomes próprios, também podemos observar uma falta de padronização por parte do tradutor. Além disso, ocorrem erros durante a narrativa que não são corrigidos por ele posteriormente, como no exemplo do quadro 8:

Quadro 8: Erro com relação aos nomes próprios

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Parou para brincar com a Neide e começou **falar do Bobo** (JESUS, 1976, p. 92).	He stopped to play with Neide and started to **talk foolishness to me** (JESUS, 2003, p. 86).
Eu intervi porque ela está gestante. Eu saí para procurar o **Bobo** para ele retirar o Alexandre de dentro da casa (JESUS, 1976, p. 95).	I intervened because she's pregnant. I went looking for **Bobo** so he would take Alexandre out of the house (JESUS, 2003, p. 89).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

No primeiro exemplo, o tradutor entende bobo como um substantivo comum. Além disso, também há uma mudança de perspectiva, já que no original os personagens falam sobre uma pessoa chamada Bobo e, na tradução, St. Clair usou como se alguém estivesse falando bobeira com a personagem. No segundo exemplo, é possível observar que o tradutor, ao continuar a narrativa, percebe que Bobo é um nome próprio e corrige a tradução, porém ele não volta para reescrever o texto.

Para análise, apresentaremos os nomes próprios e topônimos mais significativos presentes na obra, dividindo-os em quatro quadros: nomes próprios mantidos no original, nomes próprios traduzidos, nomes próprios com adaptações na grafia e topônimos.

Quadro 9: Nomes Próprios mantidos na tradução

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Carolina	Carolina
Vera Eunice	Vera Eunice
José Carlos	José Carlos
João José	João
Maria Puerta	Maria Puerta
Mariana	Mariana
Elvira	Elvira

Fonte: Própria (2019).

No quadro 9, podemos observar que o tradutor optou por manter alguns nomes com a grafia do original, principalmente no caso de personagens principais. Em contrapartida, o quadro 10 mostra os nomes que são versados para a língua inglesa.

Quadro 10: Nomes próprios presentes na obra *Quarto de Despejo* e suas traduções para o inglês

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Maria dos Anjos	Angel Mary
Nossa Senhora Aparecida	Lady of Aparecida
Nossa Senhora	Our Lady
Pedrinho	Little Pedro
Joãozinho	Little João
Sansão	Samson
João Coque	Johnny Coque
Binidito Onça	Tiger Benny
Bonito	Handsome
Chiclé	Chiclet

Fonte: Própria (2019).

No quadro 10, podemos observar algumas traduções feitas por David St. Clair. No primeiro exemplo, o tradutor transforma o nome próprio, Maria, e o sobrenome, dos Anjos, em um nome próprio. No segundo e no terceiro exemplos,

ele optou por traduzir “Nossa Senhora” por “Our Lady”, que é uma das opções presentes no inglês. Já no quarto e quinto exemplos, há a troca do sufixo diminutivo “inho” pela adjetivação “little”, mas os nomes continuam em português, ainda que existam correspondentes na língua inglesa (Peter e John). No sexto exemplo, St Clair optou pelo correspondente, uma vez que a versão inglesa de Sansão é Samson. No sétimo exemplo, ele traduz “João” para “Johnny”, mas preferiu manter em português o termo “Coque”. No oitavo e nono exemplos, ele escolheu fazer a tradução completa dos nomes, “Binidito” fica como “Benny”, há uma mudança de “Onça” para “Tiger”, e “Bonito” como “Handsome”. No décimo exemplo, ele entende “Chiclé” como uma referência a chiclete e traduz como “Chiclet”.

Com relação aos nomes com adaptações gráficas, podemos observar alguns exemplos no Quadro 11.

Quadro 11: Nomes próprios presentes na obra *Quarto de Despejo* com adaptações de grafia na tradução para o inglês

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Florenciana	Florentina
Manoel	Manuel
Manolo	Marólo
Nenê	Nené
Nena	Lena/Nena
Dorça	Corça
Dario	Dorio
Valdemiro	Valdemar
Meyri/Meiry	Meryi/Meiry

Fonte: Própria (2019).

Como podemos observar no quadro 11, o tradutor escolheu fazer algumas mudanças de grafia em alguns nomes. Entretanto, não é possível determinar qual foi a motivação para tais alterações, uma vez que os nomes utilizados por ele em inglês continuam sendo incomuns ao leitor estrangeiro. Outros exemplos, como o uso tanto de “Nena”, quanto “Lena”, na tradução, podem ter ocorrido devido a erros de digitação, assim como em “Meyri”, nome que muda de grafia no próprio texto-fonte.

Com relação às toponímias presentes na obra, apresentamos alguns exemplos no quadro 12.

Quadro 12: Toponímias presentes na obra *Quarto de Despejo* e seus correspondentes no inglês

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Tietê	Tieté
Rua Javaés	Javais street
Rua Paulino Guimarães	Paulo Guimarães Street
Avenida Cruzeiro do Sul	Southern Cross Avenue/Avenue Cruzeiro do Sul
São Vicente de Paula	St. Vincent de Paul
Alto de Vila Maria	Hill Vila Maria
Purtuguesa de Desportos	Portuguese Sport Club
Avenida do Estado 1140	1140 State Street
Rubro negro	Blacks and reds
Centro Espírita Divino Mestre	Devine Mester Spirit Center
Rua do Porto	Port Street
Bairro do Rosário	Rosary District
Avenida Brigadeiro Luis Antonio	Brigadeiro Luis Antonio Avenue
Favela do Canindé	Favela of Canindé
Rua Carlos de Campos	Carlos de Campos Street

Fonte: Própria (2019).

Assim como nos nomes próprios, o tradutor transita por diferentes escolhas com relação às toponímias. No primeiro exemplo, ele muda o acento gráfico de "Tietê" e, no segundo, troca a grafia de "Javaés" por "Javais", assim como "Paulino" por "Paulo". Em alguns momentos há variações com a mesma toponímia, como a "Avenida Cruzeiro do Sul", em que às vezes optou por traduzir e, em outras ocasiões, manteve em português. Já nos exemplos de 5 a 12, ele escolheu traduzir para o inglês, enquanto nos exemplos 13 a 15 observamos a manutenção das toponímias assim como foram escritas no português.

Como foi possível observar nos quadros de 7 a 12, há uma inconsistência por parte do tradutor em relação às suas escolhas tradutórias. Há opções por estrangeirização, domesticação e alterações gráficas sem um padrão definido. A

mesma inconsistência é observada em relação aos termos da cultura negra, que será o objeto de análise no próximo subcapítulo, junto às notas de rodapé.

3.3) Aspectos de domesticação e imagem do país

Neste subcapítulo, discutiremos algumas posturas tradutórias de David St. Clair em relação à domesticação e à construção da imagem do Brasil no contexto norte-americano. O tradutor teve a intenção de fazer-se visível através das notas de rodapé ao explicar alguns termos e nomes da cultura brasileira. No entanto, tais explicações são elaboradas a partir de percepções muitas vezes estereotipadas de nosso país e cultura. Analisaremos também os termos escolhidos por ele na tradução de aspectos da cultura negra.

3.3.1) Notas de rodapé

Durante a obra, o tradutor se utiliza das notas de rodapé para explicitar aspectos da cultura brasileira que seriam de difícil compreensão para um leitor estrangeiro. Os primeiros aspectos que iremos analisar referem-se à geografia política e cultural do país. Na favela onde Carolina morava, havia pessoas de diversas regiões do país e, por isso, ela usa termos como “nordestinos”, “baianos”, “pernambucanos” e “paraibanos”. Como podemos observar no quadro 13, St. Clair deixou os termos em português e usou notas de rodapé para explicar quem as pessoas eram e de onde vinham.

Quadro 13: Nota de rodapé sobre nordestinos

Nordestinos: Forced by land-partching droughts and almost no industry, the poor of the north swarm into cities like São Paulo and Rio looking for work. Needing a place to live, they choose the favelas and end up worse off than they were before (JESUS, 2003, p. 39).[29]

Fonte: Própria (2019).

[29] Forçados pelas secas e pela quase ausência total de indústrias, os pobres do norte migram em grandes números para cidades como São Paulo e Rio à procura de trabalho. Precisando de um lugar para morar, eles escolheram as favelas e acabaram em condições piores do que estavam anteriormente (Tradução nossa).

No quadro 13, o tradutor explica quem são os nordestinos, mas ele os equaciona a retirantes. Não se trata, portanto, de uma informação sobre a região nordeste, e sim sobre o impacto dos retirantes aos estados do sudeste. Há, ainda, o fato da não diferenciação entre norte e nordeste, como podemos observar no quadro 14, em relação ao uso do termo "Nortistas". Isso pode se dever à dicotomia norte e sul presente nos EUA ou o possível uso da expressão no contexto paulista.

Quadro 14: Diferença entre nortista e nordestino

ORIGINAL	TRADUÇÃO
...O que eu quero esclarecer sobre as pessoas que residem na favela é o seguinte: quem tira proveito aqui são os **nortistas** (JESUS, 1976, p. 44).	What I want to clear up about the people who live in the favela is the following: the only ones who really survive here are the ***nordestinos*** (JESUS, 2003, p. 38-39).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

Já no quadro 15, podemos observar que o tradutor usa a nota de rodapé apenas para indicar de qual estado as pessoas vieram, mas não fornece nenhuma explicação sobre quem elas são e por que estavam na favela de São Paulo.

Quadro 15: Nota de rodapé sobre Baianos e Paraibanos

Baianos: People from the state of Bahia (JESUS, 2003, p. 46)[30].
Paraibanos: People from the northern State of Paraíba (JESUS, 2003, p. 56)[31].

Fonte: Própria (2019).

A denominação "baianos" também sofre variação durante a escrita, como é possível observar no quadro 16.

Quadro 16: Mudança de baianos para bahians

...Hoje teve uma briga. Na rua A residem 10 **baianos** num barracão de 3 por dois e meio. (JESUS, 1976, p. 61).	Today there was a fight. On "A" Street live ten **Bahians** in one shack eight by ten feet. (JESUS, 2003, p. 56).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

[30] Pessoas provenientes do estado da Bahia (tradução nossa).
[31] Pessoas provenientes do estado da Paraíba (tradução nossa).

Com relação ao termo “Pernambucanos”, o tradutor mantém no texto em inglês em itálico, porém não utiliza a nota de rodapé para explicar quem são e de onde vem.

Já outras notas de rodapé são utilizadas para explicar objetos de consumo brasileiros, como nos exemplos do quadro 17.

Quadro 17: Bebidas brasileiras explicitadas na nota de rodapé

Quentão: a drink of hot *pinga* sugarcane alcohol mixed with ginger (JESUS, 2003, p. 66).[32]
Guaraná: Brazilian Coca-Cola made from a tree in the Amazon jungle (JESUS, 2003, p. 104).[33]
Pinga: a white fiery liquor made from sugarcane. Powerful and potent it is the favorite drink of **Brazil’s poor**, who can get drunk on it for less than ten cents a bottle (JESUS, 2003, p. 13).[34]

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

No quadro 17, podemos observar que elementos típicos da cultura brasileira foram mantidos pelo tradutor no texto em inglês respeitando sua grafia original e explicitados na nota de rodapé. Entretanto, a explicação do guaraná, por exemplo, fica ambígua e domesticante, pois equaciona um produto brasileiro a seu suposto equivalente na cultura de chegada. Já no caso da pinga, além de generalizar dizendo que é “a bebida favorita dos pobres”, ele emprega um juízo de valor sobre o termo.

O tradutor comenta também questões sobre o feijão, como na seguinte passagem: “Quando puis a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia (JESUS, 1976, p. 41).” David St. Clair faz a explicação no quadro 18 sobre o feijão:

[32] Uma bebida de pinga, álcool de cana, quente misturada com gengibre (tradução nossa).
[33] Coca cola brasileira feita de uma árvore da selva amazônica (tradução nossa).
[34] Um licor ardente e branco feito de cana-de-açúcar. Poderosa e potente, é a bebida favorita dos pobres do Brasil, que podem ficar bêbados por menos de dez centavos de dólar por garrafa (tradução nossa).

Quadro 18: Explicação sobre o feijão preto

Black beans in almost every part of Brazil, except Rio, are looked down upon as the lowest thing that can be eaten. In the northeast poor families shut their windows out of shame that neighbors will see them eating black beans rather than brown ones (JESUS, 2003, p. 35).[35]

Fonte: Própria (2019).

É relevante ressaltar que não há como presumir onde o tradutor obteve essa informação. Assim como no exemplo do quadro 18, o tradutor utiliza a nota de rodapé para explicar o processo de lavar o arroz e o feijão mencionado por Carolina de Jesus: "Vi uma visinha lavando feijão (JESUS, 1976, p. 42)".

Quadro 19: Explicação do tradutor sobre lavar o feijão e o arroz

Beans, like rice, must be picked over to get rid of the rotten kernels, and then washed to take away dust and pieces of dirt and other foreign matter. The favelados buy these staples at street fairs from huge wooden bins that are never covered over (JESUS, 2003, p. 36).[36]

Fonte: Própria (2019).

Analisando os quadros 18 e 19, é possível observar a opinião do tradutor em relação ao cenário observado e pressuposto. Seu enfoque é muito mais comportamental do que relativo à importância do alimento na cultura brasileira.

Quanto aos alimentos, também é possível observar a falta de coerência do termo escolhido por parte do tradutor, como mostra o quadro 20.

[35] O feijão preto em quase todas as partes do Brasil, exceto o Rio, é desprezado como a coisa mais baixa que pode ser consumida. No Nordeste, famílias pobres fecham suas janelas com vergonha de que os vizinhos os vejam comendo feijão preto em vez do marrom (tradução nossa).

[36] Feijões, como arroz, devem ser selecionados para se livrar dos grãos podres e depois lavados para remover poeira, pedaços de sujeira e outros materiais estranhos. Os favelados compram esses itens básicos em feiras de enormes caixas de madeira que nunca são cobertas (tradução nossa).

Quadro 20: Falta de padronização

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Pinga (JESUS, 1976, p. 34 e p. 62)	Pinga (JESUS, 2003, p. 28 e p. 57)
Aguardente (JESUS, 1976, p. 34)	Booze (JESUS, 2003, p. 28)
Pinga (JESUS, 1976, p. 45)	Whisky (JESUS, 2003, p. 40)
Pinga (JESUS, 1976, p. 106)	Booze (JESUS, 2003, p.100)
Pastéis (JESUS, 1976, p. 48)	Cookies (JESUS, 2003, p. 43)
Pastéis (JESUS, 1976, p. 54)	Pastry (JESUS, 2003, p. 48)
Pastelaria (JESUS, 1976, p. 85)	Bakery shop (JESUS, 2003, p. 79)
Carne moída (JESUS, 1976, p. 49 e p. 82)	Hamburger (JESUS, 2003, p. 43 e p. 76)

Fonte: Própria (2019).

Nos exemplos do quadro 20 é possível observar a falta de padronização do tradutor. Ele utiliza diferentes termos para se referir à mesma coisa. Além disso, há a mudança de carne moída para hambúrguer, alimentos bem diferentes no contexto brasileiro.

Outra questão a ser observada são os equivalentes culturais existentes na obra, como apresentado no quadro 21.

Quadro 21: Buscas de equivalência por processos de domesticação

ORIGINAL	TRADIÇÃO
Pardais e sabiá	Bird
Cará	Carrot
Batata *solsa*	Carrot
Corvos	Vultures
Batucada	Dance
Choriço	Sausage
Compadre	Godfather
Comadre	Godchild
Peixeira	Knife
Casa da sogra	Public restroom

Fonte: Própria (2019).

Os termos apresentados no quadro 21 contêm informações culturais brasileiras e aparecem no corpo do texto, na forma de equivalências a termos em língua inglesa. Nesse caso, St. Clair optou pelo não uso das notas de rodapé. Com

relação ao exemplo de comadre e compadre, além do erro, não há sequer uma padronização. O tradutor colocou “compadre” como “padrinho” e “comadre” como “afilhada”.

Outro elemento explicitado por ele na tradução refere-se às pessoas públicas do contexto brasileiro da época, como podemos observar no quadro 22:

Quadro 22: Pessoas públicas citadas no livro *Quarto de Despejo*

Pelé: Brazil’s world-famed soccer star (JESUS, 2003, p. 74).[37]
Juscelino Kubitschek: President of Brazil from 1956 to 1961 (JESUS, 2003, p. 22).[38]
Carlos Lacerda: a young energetic politician (current governor of the state of Guanabara where Rio de Janeiro is located) who is always in the limelight with fiery speeches and ideas for social reform. A newsman as well, he wrote editorials which contributed to the downfall and eventual suicide of Brazil’s President Getulio Vegas in 1954. Vargas was a dictator until 1945 and loved by the lower classes. His friends attempted to assassinate Lacerda but killed an army major instead (JESUS, 2003, p. 6).[39]
Adhemar de Barros: wealthy politician who as mayor then Governor of São Paulo city and State managed to get the support of the lower classes with social projects and promises. He was defeated for President by Janio Quadros in 1960 (JESUS, 2003, p. 10).[40]
Janio Quadros: politician from São Paulo who moved fast from city councilman to President of the Republic. His sudden resignation as Chief Executive in August 1961 touched off a crisis that almost plunge Brazil into a Civil War (JESUS, 2003, p. 10).[41]
Lampeão: a bandit leader who terrorized the northeast of Brazil, robbing, raping, and murdering wantonly until tracked down and beheaded by state militia (JESUS, 2003, p. 41).[42]

Fonte: Própria (2019).

[37] Estrela de futebol mundialmente famosa do Brasil (tradução nossa).
[38] Presidente do Brasil de 1956 a 1961 (tradução nossa).
[39] Um jovem e enérgico político (atual governador do estado de Guanabara, onde está localizado o Rio de Janeiro), que está sempre no centro das atenções com discursos inflamáveis e ideias para reforma social. Como jornalista, ele escreveu editoriais que contribuíram para a queda e eventual suicídio do presidente Getúlio Vegas no Brasil em 1954. Vargas foi ditador até 1945 e amado pelas classes mais baixas. Seus amigos tentaram assassinar Lacerda, mas em vez disso mataram um major do exército (tradução nossa).
[40] Político rico que, como prefeito e então governador da cidade e do estado de São Paulo, conseguiu obter o apoio das classes mais baixas com projetos e promessas sociais. Foi derrotado para presidente por Jânio Quadros em 1960 (tradução nossa).
[41] Político paulista que passou rapidamente de vereador para presidente da República. Sua repentina renúncia como presidente em agosto de 1961 desencadeou uma crise que quase mergulhou o Brasil em uma Guerra Civil (tradução nossa).
[42] Um líder de bandidos que aterrorizou o nordeste do Brasil, roubando, estuprando e assassinando arbitrariamente até ser rastreado e decapitado pelas milícias estaduais (tradução nossa).

No quadro 22, podemos observar como St. Clair descreveu algumas figuras públicas brasileiras na sua tradução. Pelé e Kubitschek são apresentados apenas com um breve comentário, já outros, como Carlos Lacerda, Adhemar de Barros e Janio Quadros, são contextualizados, mostrando sua trajetória política e o momento histórico no qual estavam inseridos. Entretanto, com relação a Jânio Quadros, houve um exagero ao afirmar que sua saída do poder quase causou uma guerra civil no Brasil.

Ao citar Lampeão, o tradutor fornece apenas uma das perspectivas possíveis para o personagem histórico. Em parte do nordeste brasileiro, Lampeão é tratado como uma figura de grande admiração, o que vai de encontro com a definição proposta pelo tradutor.

Outro ponto explicado pelo tradutor são alguns comportamentos brasileiros, como a justificativa dele para a atitude de Carolina de Jesus na passagem em que ela foi buscar ajuda do serviço social, pois sentia dores e não estava conseguindo trabalhar: "Fui no Palacio, o Palacio mandou-me para a sede na Av. Brigadeiro Luís Antonio. Avenida Brigadeiro me enviou para o Serviço Social da Santa Casa (JESUS, 1976, p. 40)". David St. Clair faz a seguinte nota se referindo a ida de Carolina ao Palácio.

Quadro 23: Nota sobre a ida de Carolina Maria de Jesus ao Palácio

Like most Brazilians Carolina believes in going straight to the top to make her complains (JESUS, 2003, p. 34).[43]

Fonte: Própria (2019).

Além de fazer uma generalização com relação aos brasileiros, o tradutor insere o comentário apresentado no quadro 23. A veracidade da informação, no entanto, depende do conhecimento pessoal que ele tinha sobre a autora.

Outra explicação referente ao comportamento da sociedade brasileira está presente no trecho: "Os preços aumentam igual as ondas do mar. Cada qual mais forte. Quem luta com as ondas? Só os tubarões. Mas o tubarão mais feroz é o

[43] Como a maioria dos brasileiros, Carolina acredita em ir direto ao topo para fazer suas reclamações (tradução nossa).

racional. É o terrestre. É o atacadista." (JESUS, 1976, p. 58). Em inglês, o tradutor traduz "tubarão" por "shark" e faz a nota de rodapé do quadro 24:

Quadro 24: Nota sobre a gíria tubarão

In Portuguese slang, shark is the name given to anyone who tries to make high or illicit profits from others (JESUS, 2003, p. 53).[44]

Fonte: Própria (2019).

No subcapítulo seguinte, abordaremos os aspectos referentes à cultura negra e como David St. Clair fez a passagem de expressões e termos para o contexto estadunidense.

3.3.2) Cultura negra

Assim como nas notas de rodapé, também é possível observar aspectos da cultura brasileira nos termos referentes à cultura negra. Carolina Maria de Jesus usa termos variados para citar as características dos personagens e, mesmo que não haja equivalentes, a cultura brasileira e a cultura estadunidense possuem termos próximos para intercambiar essas noções culturais. Nos quadros 25 a 31, iremos analisar as escolhas tradutórias feitas por David St. Clair.

Quadro 25: Escolhas lexicais antiquadas por parte do tradutor

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Conversei com uma senhora que cria uma **menina de cor** (JESUS, 1976, p. 22).	I talked to a woman who was raising a little **colored girl** (JESUS, 2003, p. 17).
Fui na casa de uma **preta** levar umas latas que ela havia pedido. [...] Fiquei conhecendo uma **pretinha** muito limpinha que falava muito bem (JESUS, 1976, p. 23).	I went to a **colored woman**'s house to take her some cans that she had asked for. [...] I stayed there getting to know this very clean **Negress** who spoke so well (JESUS, 2003, p. 18).
Chegou a Radio Patrulha, que veio trazer dois **negrinhos** que estavam vagando na Estação da Luz (JESUS, 1976, p. 43).	The Radio Patrol arrived. They came to take the two **Negro boys** who had broken into the power station (JESUS, 2003, p. 37).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

[44] Na gíria do português tubarão é o nome dado a alguém que tenta ter lucros altos ou ilícitos em cima de outros (tradução nossa).

No quadro 25, é possível observar que Carolina Maria de Jesus utilizou diversas palavras para se referir aos personagens negros da obra, alguns deles poderiam soar preconceituosos no contexto atual ou até mesmo em sua época. O tradutor, por sua vez, empregou termos como “colored girl”, “colored woman”, “Negress” e “Negro”, que são considerados antiquados, mas na época eram considerados apropriados, pelo menos pela comunidade branca. O caráter pejorativo surge posteriormente e, ainda hoje, é possível encontrar em língua inglesa a denominação “people of color” sendo utilizada de forma politicamente correta.

Em contraposição a essa escolha tradutória, temos o quadro 26.

Quadro 26: Uso de termos contemporâneos na tradução

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Nunca vi uma **preta** gostar tanto de livros como você (JESUS, 1976, p. 23).	I never saw a **black** who liked books as much as you do! (JESUS, 2003, p. 18)
Dona Domingas é uma **preta** boa igual ao pão (JESUS, 1976, p. 50).	Dona Domingas is a **black** as good as bread (JESUS, 2003, p. 45).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

No quadro 26, o tradutor utilizou como alternativa à “black” o termo “preta”. Hoje em dia o termo “black” é utilizado mais frequentemente por comunidades negras nos EUA do que os termos antiquados mencionados anteriormente, mas a escolha não reflete os aspectos de subalternidade e violência simbólica utilizados por Carolina em seu texto fonte com o uso do termo “preta”.

Quadro 27: Omissão cultural presente na tradução

A senhora disse que cria a menina desde 9 meses. E que a **negrinha** dorme com ela e que lhe chama de mãe (JESUS, 1976, p. 22).	The woman told me she raised the child since it was nine months old, and that the **little girl** sleeps with her and calls her ‘Mother’ (JESUS, 2003, p. 17).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

No quadro 27, podemos observar uma omissão cultural na tradução. No original, Carolina se refere à criança como “negrinha”, já na tradução essa característica é perdida, uma vez que o tradutor utiliza apenas a ideia de que é uma menina, “little girl”.

Quadro 28: Uso de "nigger" na tradução

ORIGINAL	TRADUÇÃO
– Está escrevendo, **negra** fidida! (JESUS, 1976, p. 24)	"You're writing again, stinking **nigger**!" (JESUS, 2003, p. 19)

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

No quadro 28, Carolina usa o termo "negra" em seu diário para reportar o que uma personagem do livro disse a ela. Na tradução, St. Clair traduz como "nigger", que é um termo considerado extremamente ofensivo: "muitas pessoas consideram essa a palavra mais ofensiva no idioma inglês e nunca a dizem ou falam, mesmo quando se referem a ela como uma palavra (tradução nossa)" [45] . Contemporaneamente, muitos falantes da língua inglesa referem-se ao termo somente como "the n-word".

Quadro 29: Tradução literal

ORIGINAL	TRADUÇÃO
No outro dia <u>encontraram</u> o **pretinho** morto (JESUS, 1976, p. 38)	The next day <u>I found</u> that **little black boy** dead (JESUS, 2003, p. 32).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

No quadro 29, St. Clair fez uma tradução literal do termo "pretinho" usado pela autora, empregando a construção "little Black boy". Há também uma inversão de papéis, pois Carolina Maria de Jesus escreveu que "encontraram" o menino, ou seja, alguém não especificado. Já na tradução, ela é colocada como agente da ação, como se ela tivesse sido a pessoa que encontrou o menino morto.

[45] Many people consider this the most offensive word in the English language and never say or speak it, even when referring to it as a word. Fonte: <https://www.wordreference.com/enpt/nigger> Acesso 04 out. 2019.

Quadro 30: Acréscimo de palavras na tradução

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Deixei uma carta para a Dona Maria e não obtive resposta. Mas o dia que eu encontrar essa **tal** Vitoria ela vai apanhar (JESUS, 1976, p. 78).	I left a note for Dona Mara and never got an answer. But the day that I run into that **nigger** Vitoria, she's going to be sorry (JESUS, 2003, p. 72-73).
Ele foi e voltou com os meninos. Um era **mulato claro**. Um rosto feio. Um **narigão** (JESUS, 1976, p. 85).	He went out and came back with the boys. One was a **light-skinned mulatto** with and ugly face and a **Negro nose** (JESUS, 2003, p. 80).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

No quadro 30, podemos observar no primeiro exemplo o acréscimo, por parte do tradutor, do termo "nigger". Além de a palavra ser novamente utilizada, a autora, no original, optou pela palavra "tal" apenas para designar a pessoa da qual se falava. No segundo exemplo, foi usado o termo "mulatto", que não é comum na língua inglesa, e o acréscimo do termo "Negro" de forma preconceituosa, pois a autora, no original, apenas disse que o personagem tinha um nariz grande.

Quadro 31: Falta de padronização

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Eu estava pagando o sapateiro e conversando com **preto** que estava lendo um jornal. Ele estava revoltado com guarda civil que espancou um **preto** e amarrou numa arvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transforma **preto** em <u>bode expiatório</u> (JESUS, 1976, p. 105).	I was paying the shoemaker and talking with the **black** who was reading the newspaper. He was furious with a policeman who beat up a **Negro** and tied him to a tree. The policeman is white. There are certain whites who transform **blacks** into <u>whipping posts</u> (JESUS, 2003, p. 99).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

No quadro 31, podemos observar a variação dos termos utilizados pelo tradutor. A autora, no original, utilizou "preto" nas três ocorrências, enquanto o tradutor variou entre "black" e "Negro" sem um padrão aparente. Outra questão a ser notada é a troca de "bode expiatório" por "whipping posts", que seriam os troncos aos quais os escravos eram amarrados, mudando o sentido pretendido pela autora.

3.4) Erros e manipulações detrimentais

Neste subcapítulo, analisaremos as escolhas tradutórias referentes aos erros e manipulações detrimentais. Para isso, utilizaremos exemplos de omissões, erros de interpretação e inconsistências presentes na tradução.

Começaremos analisando passagens em que o tradutor utilizou palavras que apresentaram um grau de agressividade muito maior do que as escolhas lexicais feitas pela autora no original, conforme observamos no quadro 32.

Quadro 32: Aumento do grau de agressividade na tradução

ORIGINAL	TRADUÇÃO
[...] tem a Cicilia que trabalha lá e é muito **bruta** (JESUS, 1976, p. 101).	[…] there is a woman named Cecilia who works there and she is a **bitch** (JESUS, 2003, p. 95).
A nena é uma **boba** (JESUS, 1976, p. 126).	Nena is a **jerk** (JESUS, 2003, p. 120).
Veio a **indolente** Maria do Anjos (JESUS, 1976, p. 10).	Then came that **bitch** Angel Mary (JESUS, 2003, p. 7).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

Com os exemplos do quadro 32, é possível observar que as escolhas lexicais do tradutor apresentam palavras com uma carga semântica muito mais negativa e pesada do que as utilizadas pela autora. O contrário acontece no quadro 33.

Quadro 33: Tradução de “ordinária” para “common”

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Negra suja. **Ordinária**. Vagabunda. Lixeira (JESUS, 1976, p. 96).	Dirty nigger. **Common**. Tramp. Garbage (JESUS, 2003, p. 90).
Pensei: hoje eu vou escrever e vou chingar a caixa desgraçada do Açougue Bom Jardim. **Ordinária**! (JESUS, 1976, p. 146).	I thought: today I’m going to write and am going to complain about that no-good clerk at the Bom Jardim Butcher Shop. **Common**! (JESUS, 2003, p. 140).
– Negra **ordinária**! Você não é advogada, não é repórter e se mete em tudo! (JESUS, 1976, p. 155).	“You **common** nigger! You aren’t a lawyer, nor a repórter, yet you have to mess into everything!” (JESUS, 2003, p. 148).
As mulheres falavam dos esposos. É lá que os homens tomam nomes de animaes. – O meu é um cavalo bruto e **ordinario**! (JESUS, 1976, p. 175).	The women talked about their husbands. There, the men took names of animals. “Mine is a mean, **common** horse!” (JESUS, 2003, p. 166-167).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

No quadro 33, é possível observar que Carolina de Jesus utilizou a palavra ordinária com um sentido pejorativo: “[Pejorativo] Sem educação; de caráter duvidoso, de teor obsceno[46]”, mas o tradutor utilizou “common”, em inglês, se valendo de outro significado possível do termo: “Que é comum; normal[47]”, fato que é recorrente durante toda a narrativa. Tal erro pode ter ocorrido porque “ordinary” é um falso cognato de “comum”.

Assim como no exemplo citado, outros erros ocorreram na tradução devido a erros de interpretação por parte do tradutor, como os destacados no quadro 34.

[46] Fonte: <https://www.dicio.com.br/ordinaria/> Acesso em 08 out. 2019.
[47] Fonte: <https://www.dicio.com.br/ordinaria/> Acesso em 08 out. 2019.

Quadro 34: Erros com relação à interpretação do texto-fonte

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Mas nós não podemos deixar de comer (JESUS, 1976, p. 142).	But we cannot stop loving eating (JESUS, 2003, p. 134).
E eu que sou frienta! (JESUS, 1976, p. 145).	And I catch a cold so easily! (JESUS, 2003, p. 139).
O senhor Manoel disse-me que o cigano faz muito bem em seduzir as mocinhas de 14 anos. **Elas dá confiança** (JESUS, 1976, p. 154).	Senhor Manuel told me that the gypsy has great success in seducing girls of fourteen years. **They trust him** (JESUS, 2003, p. 147).
Ele pede para não divulgar-lhe o nome no Diario, não divulgo. **Podia reconhecer o meu silêncio** (JESUS, 1976, p. 171).	He asked me not to reveal his name in the diary, and I won't. **He can count on my silence** (JESUS, 2003, p. 163).
Não tinha dinheiro em casa. Esquentei **comida amanhecida** e dei aos meninos (JESUS, 1976, p. 25).	I didn't have any money in the house. I hated some **breakfast food** and fed the children (JESUS, 2003, p. 20).
Procurei convencê-lo a não comer aquela carne. Para comer os pães duros ruídos pelos ratos (JESUS, 2003, p. 38).	I tried to convince him not to eat that meat **or** the hard bread gnawed by the rats (JESUS, 1976, p. 32).
Já bebi uma vez, em carater experimental, mas o alcool **não me tonteia** (JESUS, 1976, p. 30).	I drank once, just to try it, but the alcohol **made me silly** (JESUS, 2003, p. 24).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

Todos os exemplos apresentados no quadro 34 são decorrentes de erros de interpretação por parte do tradutor em relação ao texto-fonte. No primeiro exemplo, Carolina disse que "nós não podemos deixar de comer", já o tradutor usou "nós não podemos deixar de amar comer", mudando o sentido que a autora expressou, principalmente com relação à falta de comida – uma necessidade básica para viver.

No segundo exemplo, Carolina disse ser "frienta" e isso não necessariamente significa que a pessoa gripe com facilidade, frase utilizada por St. Clair. No terceiro exemplo, "dar confiança" foi utilizado em sentido conotativo: "Excesso de liberdade; atrevimento"[48]. No entanto, o tradutor quebra esse sentido ao utilizar a construção "they trust him", em que o verbo tem sentido denotativo de: "ter confiança em, acreditar em" [49].

No quarto exemplo, Carolina gostaria que o pai de sua filha, Vera Eunice, lhe desse alguma recompensa, até mesmo financeira, pelo fato de ela não divulgar seu nome no diário. Já o tradutor colocou como se Carolina tivesse feito uma promessa

[48] Fonte: <https://www.dicio.com.br/confianca/> Acesso em 13 out. 2019.
[49] Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/trust> Acesso em 13 out. 2019.

e que o pai da menina podia contar com o silêncio dela, sem nada em troca. No quinto exemplo, houve uma tradução equivocada de comida amanhecida por "breakfast food", que seria, em inglês, café da manhã.

No sexto exemplo, Carolina disse a um morador de rua que ele não devia comer a carne encontrada no lixo, e sim os pães que estão roídos pelos ratos, já que se eles comeram e estão vivos e, portanto, não haveria veneno. O tradutor não entendeu essa analogia e traduziu como se Carolina dissesse para o homem não comer nenhum dos dois. No sétimo exemplo, Carolina disse que já experimentou bebidas alcoólicas, mas que ela não ficou tonta. Já o tradutor traduziu como se ela dissesse que o álcool a fizesse ficar boba.

Outros erros também podem ser observados no quadro 35.

Quadro 35: Erros sem explicação na tradução

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Em junho de 1957 eu fiquei **doente** e percorri as sedes do Serviço Social (JESUS, 1976, p. 40).	In June of '57 I felt **rich** and passed through the offices of the Social Service (JESUS, 2003, p. 34).
Quando o pobre come uma comida forte, dá tontura (JESUS, 1976, p. 153).	When the poor eat rich food, they torture themselves (JESUS, 2003, p. 146).
Estou mais disposta (JESUS, 1976, p. 91).	I'm feeling worse (JESUS, 2003, p. 85).
Hoje é aniversario do Jose Carlos. **9 anos**. Ele é de 1950. Tempo bom! Mas ele quer ter **10 anos**, porque quer **namorar** a Clarinda (JESUS, 1976, p. 181).	Today is José Carlos' birthday. **Ten years** old. He was born in 1950. What a good age! But he wishes he were **ten**, because he wants to **make love** to Clarinda (JESUS, 2003, p. 172).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

No quadro 35, é possível observar alguns erros ocorridos na tradução. No primeiro exemplo, houve uma troca de estar se sentindo "doente" por estar se sentindo "rica". No segundo exemplo, houve uma mudança de "tontura" por "tortura", o que acabou ocasionando uma mudança de sentido total na frase. No terceiro exemplo, o tradutor colocou exatamente o oposto do que está escrito no original, Carolina disse que estava se sentindo mais disposta e ele disse que ela estava se sentindo pior. Já no quarto exemplo, além de St. Clair ter se confundido com a idade de Jose Carlos, houve uma sexualização ao trocar o termo "namorar" por "fazer amor". O mesmo aspecto ocorre no quadro 36.

Quadro 36: Sexualização presente na tradução

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Aqui tudo é motivo para **farra** (JESUS, 1976, p. 135).	Here anything is a reason for an **orgy** (JESUS, 2003, p. 128).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

Assim como no último exemplo do quadro 35, o quadro 36 apresenta um exemplo de sexualização na tradução. O substantivo "farra" em português não tem essa conotação sexual: "Folia; festa alegre e excessivamente animada"[50]. Já em inglês, "orgy": "an occasion when a group of people behave in a wild uncontrolled way, especially involving sex, alcohol, or illegal drugs"[51]. É interessante notar que, como foi dito no capítulo 1, esse foi um dos motivos que gerou o processo contra David St. Clair.

Outro problema encontrado refere-se aos ditados populares brasileiros. No quadro 37, temos um exemplo.

Quadro 37: Tradução de expressões idiomáticas

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Mas eu já preveni que comigo **a sopa é mais grossa** (JESUS, 1976, p. 135).	But I've already shown them that with me **the soup is thicker** (JESUS, 2003, p. 128).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

Como é possível observar, o tradutor fez uma tradução literal da expressão e, no contexto da língua inglesa, essa frase não faz sentido. Outro caso é a estrangeirização proposta pelo tradutor no quadro 38.

Quadro 38: Estrangeirização sem motivo aparente

ORIGINAL	TRADUÇÃO
A mulher ficou observando os meus passos à paulistana (JESUS, 1976, p. 46).	The woman stood watching my "*Paulistana*" steps (JESUS, 2003, p. 40).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

[50] Fonte: <https://www.dicio.com.br/farra/> Acesso em 13 out. 2019.

[51] Uma ocasião em que um grupo de pessoas se comporta de uma maneira selvagem e descontrolada, especialmente envolvendo sexo, álcool ou drogas ilegais (tradução nossa). Fonte: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/orgy> Acesso em 13 out. 2019.

Nesse exemplo, ocorre o mesmo que com o quadro 37. Um leitor estrangeiro não é capaz de entender sem a devida explicação do termo. Como o tradutor optou por utilizar notas de rodapé, ele poderia fornecer uma explicação sobre o que "paulistana" quer dizer nesse contexto.

No quadro 39, é possível observar acréscimos sem motivo feitos pelo tradutor.

Quadro 39: Acréscimos sem motivação aparente

ORIGINAL	TRADUÇÃO
— Então o porco já foi homem? — Não sei (JESUS, 1976, p. 159).	— Then the pig was a man? — I don't know! Stupid boy! (JESUS, 2003, p. 152).
A Aparecida veio dizer que o João mandou ela tomar no … (JESUS, 1976, p. 169).	Aparecida came to tell me that my boy João told her to shove it up her ass (JESUS, 2003, p. 161).
Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que **mendigar e ainda apanhar**. Parece tambor (JESUS, 1976, p. 14).	I take on all kinds of work to keep them. And those women have to **beg or even steal** (JESUS, 2003, p. 8).
Passei no frigorífico para **pegar** linguiça (JESUS, 1976, p. 52).	We passed the slaughterhouse to **beg** for some sausage (JESUS, 2003, p. 47).
Disse que ela e José Carlos tinham ido pedir esmola. Ele estava com saco nas costas. Eu vinha na frente e dizia que ele deveria era fazer lições. Eu precisava ir na cidade (JESUS, 1976, p. 82).	She said that she and José Carlos had gone out begging. He had one of my sacks on his back. I walked ahead of them **so they wouldn't see my smile** but told him she should be studying his lessons. I had to go into the city (JESUS, 2003, p. 76).
A Florenciana é preta. Mas é tão diferente dos pretos por ser muito ambiciosa. Tudo que ela faz é visando lucro. Creio que se ela fosse dona de um matadouro havia de comer os **chifres e os cascos** dos bois (JESUS, 1976, p. 74).	Florentina is black. But she's so different from the other blacks because she's very ambitious. She schemes to profit from everything she does. I believe that if she owned at slaughterhouse people would have to eat **the bones and the skins** of the animals (JESUS, 2003, p. 67-68).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

No primeiro exemplo, o tradutor acrescentou uma fala ao discurso de Carolina, chamando seu filho de "garoto estúpido". Esse acréscimo muda as características dos personagens e implica uma agressividade que não existe no original. No segundo exemplo, o tradutor substituiu as reticências usadas no original pela expressão completa em inglês. No terceiro exemplo, ele não utilizou o verbo "apanhar", presente no texto-fonte, e acrescentou "steal", roubar. Mais uma vez, essa troca causa uma mudança na caracterização dos personagens. No quarto

exemplo, St. Clair acrescentou a frase “so they wouldn’t see my smile”, proporcionando uma ideia de que Carolina estaria feliz por ver os filhos pedindo esmola, fato que não está presente no texto em português. No quinto exemplo, Carolina disse que, como Florenciana só visa lucro, ela iria comer até os chifres e cascos dos bois, algo que ninguém comeria. Já o tradutor trocou as palavras por “ossos” e “pele”, o que não faz sentido, pois Carolina, em sua narrativa, contou que vai ao frigorífico buscar ossos para fazer comida.

Outro aspecto identificado na tradução é a troca de palavras por outras, sem motivo aparente.

Quadro 40: Referências a outras culturas

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Que o **curador** disse que era a feiticeira (JESUS, 1976, p. 24).	The **voodoo priest** said it was a witch (JESUS, 2003, p. 19).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

No quadro 40, é possível observar que o tradutor troca a palavra “curador” por “voodoo priest”, que tem uma raiz etimológica haitiana, ou seja, de outra religiosidade sincrética. Esse fato é relevante, pois esse vocabulário faz parte dos estudos em que se inseriam o tradutor.

No quadro 41, apresentaremos outros erros ocorridos na tradução.

Quadro 41: Erros

ORIGINAL	TRADUÇÃO
O que eu sei é que a praga dos favelados pega (JESUS, 1976, p. 54).	All I know is, whatever is cursed, the favelado gets (JESUS, 2003, p. 49).
Treis vezes ela nos deu água (JESUS, 1976, p. 54).	**Thirteen** times she gave us water (JESUS, 2003, p. 49).
Eu fico admirada do senhor Alexandre temer o Valdemar (JESUS, 1976, p. 58).	I admire Alexandre’s courage in facing Valdemar (JESUS, 2003, p. 52).
Já percebi que minha filha é revoltada (JESUS, 1976, p. 78).	I think of my daughter and get sick inside (JESUS, 2003, p. 72).
Porque a senhora não casou-se? Agora a senhora tinha um homem para ajudar (JESUS, 1976, p. 85).	Why don’t you rest? Now you have a man to help you (JESUS, 2003, p. 79).
Tem hora que eu revolto comigo por ter iludido com os homens e arranjado estes filhos (JESUS, 1976, p. 85).	There are times when I’m furious with myself for letting men tricked me into having these children (JESUS, 2003, p. 79).

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

No quadro 41, é possível observar alguns erros encontrados na tradução. No exemplo 1, houve uma mudança de quem sofre a ação. Em português, observa-se que a praga jogada pelos favelados pega. Em inglês, o tradutor inverteu dizendo que os favelados pegam todas as pragas. No segundo exemplo, houve um erro ao trocar três por treze. No terceiro exemplo, Alexandre é a pessoa que teme o Valdemar, de acordo com a obra original. Já em inglês, Alexandre é uma pessoa corajosa que enfrenta o Valdemar. No quarto exemplo, houve uma mudança total de sentido, pois Carolina disse achar que sua filha é uma pessoa revoltada com a vida e, na tradução, St. Clair traduziu que quando Carolina pensa na filha ela se sente mal. No quinto exemplo, houve a troca de "casou-se" por "rest", talvez por uma leitura apressada como "cansou-se", gerando uma mudança na fala do filho de Carolina. Em português, ele disse que se ela tivesse casado teria um homem para ajudá-la, enquanto em inglês o tradutor colocou o menino assumindo a responsabilidade e dizendo que ela podia descansar, pois agora ela tinha um homem para ajudá-la: ele. No sexto exemplo, ocorreu um erro de interpretação. No texto-fonte, Carolina disse que ela se revolta consigo mesma por ter se deixado enganar pelos homens. Já em inglês, ela estaria revoltada pelos homens a enganarem e, assim, ter os filhos.

Quadro 42: Omissão e sexualidade

ORIGINAL	TRADUÇÃO
O purtuguês disse para a Fernanda que lhe dava um pedaço de figado se ela lhe aceitasse (JESUS, 1976, p. 91).	The Portuguese told Fernanda that he would give her a piece of liver if she would let him ... her (JESUS, 2003, p. 85).

Fonte: Própria (2019).

No quadro 42, é possível observar uma omissão na tradução. O tradutor utilizou as reticências para fazer referência à alguma palavra de teor sexual, porém ele já havia utilizado anteriormente vocábulos de baixo calão e descrito situações sexualizadas inclusive em passagens em que essas não estavam presentes no português.

Assim como no quadro 42, o quadro 43 mostra algumas omissões encontradas na obra traduzida.

Quadro 43: Omissões

ORIGINAL	TRADUÇÃO
[...] O que eu posso esperar do futuro? Um leito em Campos do Jordão. Eu quando estou com fome quero matar o Jânio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos. 17 de maio. Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, pra que viver? Será que os pobres de outro país sofrem igual aos pobres do Brasil? (JESUS, 1976, p. 31).	[...] What can I hope for the future? I wonder if the poor of other countries suffer like the poor of Brazil (JESUS, 2003, p. 25).
Tão feio e tem duas mulheres. Ambas vivem juntas no mesmo barraco. Quando ele veio residir na favela veio demonstrando valentia (JESUS, 1976, p. 47).	He's so ugly yet he's got two women. when he came to leave in the favela he started showing off (JESUS, 2003, p. 41).
No outro dia não encontrou as roupas. A dona Sebastiana disse para dona Isaltina que a ladra era a Leila. A dona Isaltina foi chamar a rádio patrulha (JESUS, 1976, p. 57).	Next day she didn't find them. Dona Sebastiana called the radio patrol (JESUS, 2003, p. 51).
Percebi que o senhor Zuza com a festa que fez para o povo em vez de atrair amigos atraiu inimigos. Eis o que estava escrito no jornal do dia 26 de junho de 1958 Zuza pai de santo em cana Zuza está em cana desde ontem, pois ele, que se chama na realidade José Onofre, e tem uma aparência realmente imponente, mantinha para lucros extraordinários uma tenda de umbanda no Bom Retiro. A tenda Pae Miguel xangô. É também diretor de uma indústria de cadeiras suspeita de irregularidades na Delegacia de Costumes. Zuza (foto), foi autuado em flagrante. Eu disse ao zuza que ele ia sair no jornal (JESUS, 1976, p. 73).	I sensed that senhor Zuza with that party he gave for the people in place of gaining friends he gained enemies. I told Zuza said that he would come out in the papers! (JESUS, 1976, p. 67).
— Mamãe, o meu pai não presta! 10 de maio. Eu não dormir porque o visinho tocou o rádio toda a noite. E a L. fez um fuá dos diabos. Ela estava	"Mama, my father is worthless!" May 10 I went to Dona Julita and she gave me coffee and rice (JESUS, 2003, p. 154).

dormindo com o Valdemar quando o Arnaldo chegou. Era 2 horas. O Arnaldo dizia: — Vai embora, Valdemar! A negra é minha! O Valdemar respondia: — A negra é nossa! Eu cheguei primeiro. 12 de maio… Eu fui na Dona Julita e ela deu-me café e arroz (JESUS, 1976, p. 161-162).	

Fonte: Própria (2019), grifo nosso.

Além dos erros de interpretação e escolhas sem motivo aparente, há os exemplos de omissão no texto, como é possível observar no quadro 43. Existem diferentes tipos de apagamento na tradução do diário, desde frases até dias inteiros. Essas omissões impactam a compreensão da obra, uma vez que retiram conteúdos importantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das questões levantadas neste trabalho, foi possível observar como a tradução influencia na percepção da cultura de nosso país. Com os exemplos analisados, mostramos como foi diferente a maneira com que a obra *Quarto de Despejo* foi levada para o contexto estadunidense. Língua e cultura apresentam uma relação indissociável e, se não nos atentarmos para esses aspectos, as consequências serão sentidas na exportação da literatura de um país para outro.

No capítulo 1, apresentamos a história da autora, Carolina Maria de Jesus, já que há muitos dados bibliográficos conflitantes sobre ela. Caracterizamos a obra e sua recepção à época de publicação. Compilamos, ainda, todas as traduções encontradas. Além disso, tratamos da obra traduzida para o inglês, *Child of the Dark,* e do tradutor David St. Clair.

No capítulo 2, desenvolvemos o aporte teórico baseado em uma metodologia qualitativa por meio da análise de conteúdo. Para a análise da literatura brasileira traduzida para o inglês, utilizamos o artigo da autora Márcia Martins (2008) com relação à patronagem, as teorias de Schleiermacher (2007[1813]) e Venuti (2005[1998]) acerca da domesticação e estrangeirização, além de autores como Hanne Martinet (1982) e Theo Hermans (1988) para analisarmos questões referentes aos nomes próprios. Com relação aos marcadores culturais, nos baseamos, principalmente, nas teorias de Hoebel & Frost (2006).

No capítulo 3, analisamos os excertos selecionados de acordo com as categorias: (i) Contexto da obra, (ii) Nomes próprios e pronomes de tratamento; (iii) Aspectos de domesticação e imagem do país; (iv) Erros e manipulações detrimentais. É relevante ressaltar que houve uma dificuldade de categorização, pois havia trechos com dois ou até três incongruências distintas. Por esse motivo, adotou-se uma proposta didática de estabelecimento de categorias para aprofundarmos a discussão da tradução literária intercultural.

Considera-se, a partir das análises feitas, que não houve uma preocupação por parte do tradutor em preservar a identidade da obra original, podendo acarretar uma interpretação equivocada por parte dos leitores. Esse fator é amplificado pelo fato de que verificamos que pelo menos uma tradução internacional foi feita a partir da reescrita de *Child of the Dark.*

Verificou-se, também, que as características analisadas na linguagem presente no original, de modo geral, não foram mantidas na tradução. Além disso, não há uma padronização nas escolhas feitas pelo tradutor. Há momentos em que ele busca valer-se de estrangeirizações e outras em que prefere domesticações, dificultando uma classificação dos processos tradutórios utilizados por ele. Por exemplo, houve manutenções e alterações em nomes próprios, caracterizando uma postura dúbia do tradutor.

Com base nas análises feitas, podemos notar como a falta de formação na área e a não elaboração de um projeto tradutório impactaram negativamente a qualidade do trabalho proposto. Muitos dos erros encontrados poderiam ser evitados por meio de pesquisas, confecção de glossários, revisão e padronização do texto.

Cabe ressaltar que não existe um número expressivo de trabalhos publicados que analisem a obra *Quarto de Despejo* enquanto literatura de projeção internacional. Portanto, este trabalho contribui para os estudos já realizados na medida em que procura abordar os pressupostos teóricos da tradução a partir do estudo da obra brasileira e sua tradução para o inglês.

Nesse sentido, o presente trabalho buscou ratificar o papel do tradutor como intermediador de culturas e mostrar como é essencial que, em sua prática, tenha consciência crítica acerca dos impactos culturais e linguísticos de suas escolhas tradutórias.

REFERÊNCIAS

AUBERT, Francis Henrik. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. **Revista de Estudos Orientais**, São Paulo: DLO/FFLCH/USP, v. 5, p. 23-36, 2006.

BALLARD, Michel. La traduction Du nom proper comme négociation. **in Palimpsestes 11: Traduire La Culture**. Paris, 1998. p. 199-223.

BARCELLOS, Sergio da Silva. **Vida por escrito - Portal biobibliográfico de Carolina Maria de Jesus.** <https://www.vidaporescrito.com/bibliografia-de-carolina> Acesso 4 abr. 2019.

BARCELLOS, Sergio da Silva. **Vida por escrito**: Guia do acervo de Carolina Maria de Jesus. Sacramento. Bertolucci Editora, 2015.

BEZERRA, E. **Quarto de despejo:** "flor incrível e pura". <https://blogdoims.com.br/quarto-de-despejo-flor-incrivel-e-pura-por-elvia-bezerra/> Acesso 4 abr. 2019.

BOSI, A. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: BOSI, A. **Dialética da Colonização.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 308-345.

Brazilian Literature: Challenges for Translation**. Colloquium**. Org. David Treece, Rosane Carneiro Ramos e Cimara Valim de Melo. King's College. London. Web. 30 Dez. 2014.

CARLOMAGNO, Márcio C; ROCHA, Leonardo Caetano da. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, Paraná, v. 7, n. 1, 2016.

ESQUEDA, Marileide Dias. **O tradutor Paulo Rónai:** o desejo da tradução e do traduzir**.** Campinas: Unicamp, tese de doutorado, 2004.

FARIAS, T. **Carolina uma biografia**. Rio de Janeiro: malê, 2017.

FENSKE, Elfi Kürten. **Carolina Maria de Jesus - a voz dos não têm a palavra**. Templo Cultural Delfos, maio/2014. <http://www.elfikurten.com.br/2014/05/carolina-maria-de-jesus.html> Acesso 4 abr. 2019.

FRAZÃO, D. **Resumo da Biografia de Carolina Maria de Jesus**. <https://www.ebiografia.com/carolina_maria_de_jesus/> Acesso 4 abr. 2019

HERMANS, Theo. On Translating Proper Names, with reference to De Witte and Max Havelaar. In: **Modern Dutch Studies:** Essays in honour of Professor Peter King on the occasion of his retirement**.** The Athlone Press: London, 1988.

HOEBEL, E. Adamson & FROST, Everett L. Linguagem. In: _____. **Antropologia Cultural e Social.** Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Cultrix, 2006 [1976].

JESUS, Carolina Maria de. **Child of the Dark – The Diary of Carolina Maria de Jesus**. Tradução David St. Clair. Nova York: Signet Classics, 1962.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita/ Carolina Maria de Jesus**. 3 ed. São Paulo: SESI-SP editora, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada**. 8. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo (diário de uma favelada)**. 6. ed. São Paulo: Editora Paulo de Azevedo LTDA.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**. 2. ed. São Paulo: Edibolso, 1976.

LAJOLO, Marisa. **O paraíso distinto de editores, autores e leitores**. Observatório da Imprensa. Nov. 2015. <http://observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/o-paraiso-distinto-de-editores-autores-e-leitores/> Acesso em 25 out. 2019.

LEVINE, R. M. The Cautionary Tale of Carolina Maria de Jesus. Universidade de Miami. **Latin American Research Review**. Vol. 29, No. 1, p. 55-83, 1994.

MARTINET, H. (1982). **Les noms propres dans la traduction littéraire**. Meta 27. 4 p. 392-400.

MARTINS, Márcia A. P. O Papel da Patronagem na Difusão da Literatura Brasileira: o programa de apoio à tradução da biblioteca nacional. In: **Literatura traduzida e literatura nacional.** Org. Andréia Guerini, Marie-Hélène C. Torres, Walter Carlos Costa. Rio de Janeiro:7Letras, 2008.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**, Paraná, v. 2, n. 3, 2008.

SCHLEIERMACHER, F. E. D. Sobre os diferentes métodos de traduzir. Trad. Celso Braida. **Princípios**. Natal, v. 14, n. 21, p. 233-265, 2007 [1813].

VALIM DE MELO, C. Mapping Brazilian Literature Translated into English. **in Modern Languages Open**. 2017.

VENUTI, L. **The Translator's Invisibility:** A History of Translation**.** London, New York: Routledge, 2008 [1995].

WERNER, Camila. **O fluxo de traduções do Brasil para o exterior:** seis estudos de caso. II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial 10 Nov. 2015. <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/camila_werner.pdf> Acesso 20 set. 2019.